

Grécia Antiga

Teoria Wikipédia

Conteúdo

1 Filosofia da Grécia Antiga	1
1.1 Ver também	1
1.2 Links externos	1
2 Pré-socráticos	2
2.1 <i>Doxografias</i> , a obra de Diels-Kranz e os fragmentos	2
2.2 Escola Jônica	2
2.2.1 Tales de Mileto (624—548 a.C.)	2
2.2.2 Anaximandro de Mileto (611-547 a.C.)	3
2.2.3 Anaxímenes de Mileto (588-524 a.C.)	3
2.2.4 Parmênides de Eleia	4
2.2.5 Heráclito de Éfeso DK28	4
2.2.6 Empédocles DK31	4
2.2.7 Demócrito e a Teoria Atômica DK55	4
2.2.8 Xenófanes de Colofon DK21	5
2.3 Escolas Italianas	5
2.3.1 Pitágoras de Samos	5
2.3.2 Escola Eleática	5
2.4 Segunda Fase do pensamento pré-socrático	5
2.4.1 Escola atomista	5
2.4.2 Anaxágoras de Clazômena	6
2.5 Referências	6
2.6 Bibliografia	6
2.7 Ligações externas	6
3 Sócrates	7
3.1 Biografia	7
3.1.1 Vida	7
3.1.2 Vocação	8
3.1.3 Trabalho	8
3.1.4 Do julgamento à morte	9
3.2 Ruptura e legado	11
3.2.1 Filosofia	12

3.3	Ver também	13
3.4	Referências	13
3.5	Bibliografia	14
3.6	Ligações externas	14
4	Platão	15
4.1	Vida	15
4.1.1	Origem	15
4.1.2	Infância e juventude	15
4.1.3	Afastamento da política e primeira viagem	16
4.1.4	Primeira viagem à Sicília	16
4.1.5	Fundação da escola e ensino	17
4.1.6	Segunda viagem à Sicília	17
4.1.7	Terceira viagem à Sicília	17
4.1.8	Velhice e morte	17
4.2	Obra	17
4.2.1	Tradição e autenticidade	18
4.2.2	Forma literária	18
4.2.3	Cronologia	18
4.3	Filosofia	19
4.3.1	Teoria das Ideias	19
4.3.2	Epistemologia	19
4.3.3	Dialética	19
4.3.4	Ética e justiça	19
4.3.5	Conceitos	20
4.4	Legado	20
4.5	Notas	21
4.6	Referências	21
4.6.1	Bibliografia	24
4.7	Ligações externas	25
5	Aristóteles	26
5.1	Vida	26
5.2	Campos de estudo	27
5.2.1	Lógica	27
5.2.2	Física	27
5.2.3	Óptica	27
5.2.4	Química	28
5.2.5	Astronomia	28
5.2.6	Biologia	28
5.2.7	Metafísica	29
5.2.8	Psicologia	29

5.2.9	Ética	29
5.2.10	Retórica	30
5.2.11	Artes	30
5.2.12	Política	31
5.3	Obra	31
5.4	Legado	32
5.4.1	Filósofos gregos posteriores	32
5.4.2	Influência sobre os eruditos bizantinos	32
5.5	Referências	32
5.6	Bibliografia	34
5.7	Ligações externas	34
5.8	Fontes dos textos e imagens, contribuidores e licenças	35
5.8.1	Texto	35
5.8.2	Imagens	36
5.8.3	Licença	38

Capítulo 1

Filosofia da Grécia Antiga

A Filosofia é um tema da Ciência de mais de dois mil e quinhentos anos, mas especificado no século VI a.C. Foi na Grécia Antiga que essa ciência surgiu e tomou as primeiras proporções. Embora vivessem em cidades-estado (*Pólis*) distintas e rivais entre si, os gregos, conseguiram desenvolver uma comunidade única de língua, religião e cultura, que foi responsável pelo grande avanço da ciência na Idade Antiga. A genialidade grega foi responsável pelo avanço de diversas áreas do conhecimento, como artes, literatura, música e filosofia.

Os primeiros filósofos viveram por volta dos séculos VII e VI a.C. e, mais tarde, foram classificados como pré-socráticos, quando a divisão da filosofia grega centralizou-se na figura de Sócrates.

A filosofia grega pode ser dividida em três fases: período pré-socrático, socrático e helenístico. No período pré-socrático, a filosofia foi utilizada para explicar a origem do mundo e das coisas ao redor. Os pré-socráticos buscavam um princípio que deveria estar presente em todos os momentos da existência de tudo. Os principais filósofos dessa fase foram: Tales de Mileto, Heráclito, Anaximandro, Xenófanes e Parmênides. armênides]].

1.1 Ver também

- Filosofia greco-romana
- Filosofia helenística
- Filosofia na Roma Antiga
- Filosofia ocidental

1.2 Links externos

- The Impact of Greek Culture on Normative Judaism from the Hellenistic Period through the Middle Ages c. 330 BCE- 1250 CE - Congregação Adath Shalom
- Filosofia grega para crianças - historyforkids.org

Capítulo 2

Pré-socráticos

Filósofos pré-socráticos é o nome pelo qual são conhecidos os filósofos da Grécia Antiga que, como sugere o nome, antecederam a Sócrates. Essa divisão propriamente, se dá mais devido ao *objeto* de sua filosofia, em relação à novidade introduzida por Platão, do que à cronologia - visto que, temporalmente, alguns dos ditos pré-socráticos são contemporâneos a Sócrates, ou mesmo posteriores a ele (como no caso de alguns sofistas).

Primeiramente, os pré-socráticos, também chamados **naturalistas** ou filósofos da natureza - entendendo-se este termo não em seu sentido corriqueiro, mas como *realidade primeira, originária e fundamental*¹, ou *o que é primário, fundamental e persistente, em oposição ao que é secundário, derivado e transitório*², tinham como escopo especulativo o problema cosmológico, ou cosmontológico, e buscavam o princípio (ou arché) das coisas.

Posteriormente, com a questão do princípio fundamental único entrando em crise, surge a sofística, e o foco muda do *cosmo* para o homem e o problema moral.

Os principais filósofos pré-socráticos (e suas escolas) foram:

- Escola Jônica: Tales de Mileto, Anaximenes de Mileto, Anaximandro de Mileto e Heráclito de Éfeso;
- Escola Itálica: Pitágoras de Samos, Filolau de Crotona e Árquitas de Tarento;
- Escola Eleática: Xenófanes, Parmênides de Eleia, Zenão de Eleia e Melisso de Samos.
- Escola da Pluralidade: Empédocles de Agrigento, Anaxágoras de Clazômena, Leucipo de Abdera e Demócrito de Abdera.
- Escola eclética: Diógenes de Apolônia, Arquelaus de Atenas.

2.1 Doxografias, a obra de Diels-Kranz e os fragmentos

Na atualidade não é conservada nenhuma obra completa de filósofos pré-socráticos. Platão e Aristóteles tinham

acesso a várias delas e talvez alguma chegou à Biblioteca de Alexandria. Na Escola de Alexandria circulavam compilações conhecidas posteriormente como “doxografias”, do grego δόξα (doxa) = opinião + γραφή (grafé) = escrito, ou “conversações” (gr.: ἀρέσκοντα, lat.: placita). Em particular, era atribuída a Teofrasto uma doxografia com o nome *Opiniões dos físicos*, (grego: Φυσικῶν δοχῶν), que seria uma compilação e comentários de fragmentos de pré-socráticos^[1]. Hermann Diels realizou uma edição dessas fontes com o nome *Doxographi Graeci* (tr. “Doxografia Grega”). Por serem as doxografias um conhecimento de segunda mão, surge a questão: até que ponto podemos confiar nas doxografias? A resposta de Barnes é que as doxografias não são dignas de confiança e que devemos nos fundar nas *mesmíssimas palavras* dos pré-socráticos^[2].

Diels continuou o seu trabalho no final do século XIX com uma compilação de testemunhos e fragmentos dos pré-socráticos espalhados por diversas obras antigas, publicando esse material com o nome *Die Fragmente der Vorsokratiker* (tr. *Os fragmentos dos pré-socráticos*)^[3] que se transformou na obra de referência sobre o tema. Posteriormente, Walther Kranz organizou novas edições dessa obra, que passou a ser conhecida como *Diels-Kranz*. No meio acadêmico é comum utilizar a citação padronizada de Diels-Kranz para os pré-socráticos. Por exemplo, **DK22B53** é o fragmento (B) 53 de Heráclito (capítulo 22), no qual expressa que “a guerra é o pai de todas as coisas”.

2.2 Escola Jônica

2.2.1 Tales de Mileto (624—548 a.C.)

Atribui-se a Tales a afirmação de que “todas as coisas estão cheias de deuses”, o que talvez pode ser associado à ideia de que o imã tem vida, porque move o ferro. Essa afirmação representa não um retorno a concepções míticas, mas simplesmente a ideia de que o universo é dotado de animação, de que a matéria é viva (hilozoísmo). Além disso, elaborou uma teoria para explicar as inundações no Nilo, e atribui-se a Tales a solução de diversos problemas geométricos (exemplo: teorema de Tales). Tales vi-

ajou por várias regiões, inclusive o Egito, onde, segundo consta, calculou a altura de uma pirâmide a partir da proporção entre sua própria altura e o comprimento de sua sombra. Esse cálculo exprime o que, na geometria, até hoje se conhece como teorema de Tales.

Tales foi um dos filósofos que acreditava que as coisas têm por trás de si um princípio físico, material, chamado *arché*. Para Tales, o *arché* seria a água. Tales observou que o calor necessita de água, que o morto resseca, que a natureza é úmida, que os germens são úmidos, que os alimentos contêm seiva, e concluiu que o princípio de tudo era a água. Com essa afirmação deduz-se que a existência singular não possui autonomia alguma, apenas algo accidental, uma modificação. A existência singular é passageira, modifica-se. A água é um momento no todo em geral, um elemento.

Principais fragmentos:

- “...a Água é o princípio de todas as coisas...”
- “... todas as coisas estão cheias de deuses...”
- “... a pedra magnética possui um poder porque move o ferro...”

Tales é apontado como um dos sete sábios da Grécia Antiga. Além disso, foi o fundador da Escola Jônica. Considerava a água como sendo a origem de todas as coisas, e seus seguidores, embora discordassem quanto à “substância primordial” (que constituía a essência do universo), concordavam com ele no que dizia a respeito da existência de um “princípio único” para essa natureza primordial. Entre os principais discípulos de Tales de Mileto merecem destaque: Anaxímenes que dizia ser o “ar” a substância primária; e Anaximandro, para quem os mundos eram infinitos em sua perpétua inter-relação.

2.2.2 Anaximandro de Mileto (611-547 a.C.)

Anaximandro viveu em Mileto no século VI a.C.. Foi discípulo e sucessor de Tales. Anaximandro achava que nosso mundo seria apenas um entre uma infinidade de mundos que evoluiriam e se dissolveriam em algo que ele chamou de ilimitado ou infinito. Não é fácil explicar o que ele queria dizer com isso, mas parece claro que Anaximandro não estava pensando em uma substância conhecida, tal como Tales concebeu. Talvez queria dizer que a substância que gera todas as coisas deveria ser algo diferente das coisas criadas. Uma vez que todas as coisas criadas são limitadas, aquilo que vem antes ou depois delas teria de ser ilimitado.

É evidente que esse elemento básico não poderia ser algo tão comum como a água.

Anaximandro recusa-se a ver a origem do real em um elemento particular; todas as coisas são limitadas, e o limitado não pode ser, sem injustiça, a origem das coisas.

Do ilimitado surgem inúmeros mundos, e estabelece-se a multiplicidade; a gênese das coisas a partir do ilimitado é explicada através da separação dos contrários em consequência do movimento eterno. Para Anaximandro o princípio das coisas - o *arché* - não era algo visível; era uma substância etérea, infinita. Chamou a essa substância de *apeíron* (indeterminado, infinito). O *apeíron* seria uma “massa geradora” dos seres, contendo em si todos os elementos contrários.

Anaximandro tinha um argumento contra Tales: o ar é frio, a água é úmida, e o fogo é quente, e essas coisas são antagônicas entre si, portanto o elemento primordial não poderia ser um dos elementos visíveis, teria que ser um elemento neutro, que está presente em tudo, mas está invisível.

Esse filósofo foi o iniciador da astronomia grega. Foi o primeiro a formular o conceito de uma lei universal prescindindo o processo cósmico totalmente.

De acordo com ele para que o vir-a-ser não cesse, o ser originário tem de ser indeterminado. Estando, assim, acima do vir-a-ser e garantindo, por isso, a eternidade e o curso do vir-a-ser.

O seu fragmento refere-se a uma unidade primordial, da qual nascem todas as coisas e à qual retornam todas as coisas.

Principais fragmentos:

- “... o ilimitado é eterno...”
- “... o ilimitado é imortal e indissolúvel...”

2.2.3 Anaxímenes de Mileto (588-524 a.C.)

O terceiro filósofo de Mileto foi Anaxímenes. Ele pensava que a origem de todas as coisas teria de ser o ar ou o vapor. Anaxímenes conhecia, claro, a teoria da água de Tales. Mas de onde vem a água? Anaxímenes acreditava que a água seria ar condensado. Acreditava também que o fogo seria ar rarefeito. De acordo com Anaxímenes, por conseguinte, o ar (“pneuma”) constituiria a origem da terra, da água e do fogo.

- Conclusão:

Os três filósofos milésios acreditavam na existência de uma substância básica única, que seria a origem de todas as coisas. No entanto, isso deixava sem solução o problema da mudança. Como poderia uma substância se transformar repentinamente em outra coisa? A partir de cerca de 500 a.C., quem se interessou por essa questão foi um grupo de filósofos da colônia grega de Eleia, no sul da Itália, por isso conhecidos como eleatas.

2.2.4 Parmênides de Eleia

O mais importante dos filósofos eleatas foi Parmênides (c. 530-460 a.C.). “Nada nasce do nada e nada do que existe se transforma em nada”. Com isso quis dizer que “tudo o que existe sempre existiu”.

Sobre as transformações que se pode observar na natureza: “Achava que não seriam mudanças reais”. De acordo com ele, nenhum objeto poderia se transformar em algo diferente do que era.

Início do racionalismo

Percebia, com os sentidos, que as coisas mudam. Mas sua razão lhe dizia que é logicamente impossível que uma coisa se tornasse diferente e, apesar disso, permanecesse de algum modo a mesma. Quando se viu forçado a escolher entre confiar nos sentidos ou na razão, escolheu a razão. Essa inabalável crença na razão humana recebeu o nome de racionalismo. Um racionalista é alguém que acredita que a razão humana é a fonte primária de nosso conhecimento do mundo.

2.2.5 Heráclito de Éfeso DK28

Um contemporâneo de Parmênides foi Heráclito (c. 540-476 a.C.), que era de Éfeso, na Ásia Menor. Heráclito propunha que a matéria básica do Universo seria o fogo. Pensava também que a mudança constante, ou o fluxo, seria a característica mais elementar da Natureza. Podemos talvez dizer que Heráclito acreditava mais do que Parmênides naquilo que percebia. “Tudo flui”, disse Heráclito. “Tudo está em fluxo e movimento constante, nada permanece”. Por conseguinte, “não entramos duas vezes no mesmo rio. Quando entro no rio pela segunda vez, nem eu nem o rio somos os mesmos”.

Problema: Parmênides e Heráclito defendiam dois pontos principais diametralmente opostos.

Parmênides dizia:

- a) nada muda,
- b) não se deve confiar em nossas percepções sensoriais.

Heráclito, por outro lado, dizia:

- a) tudo muda (“todas as coisas fluem”), e
- b) podemos confiar em nossas percepções sensoriais.

Quem estava certo? Coube ao siciliano Empédocles (c. 490-430 a.C.) indicar a saída do labirinto.

Como estudioso da *physis*, Heráclito acreditava que o fogo era a origem das coisas naturais.

2.2.6 Empédocles DK31

Ele achava que os dois estavam certos:

- 1. A água não poderia, evidentemente, transformar um peixe em uma borboleta. Com efeito, a água não pode mudar. Água pura irá continuar sendo água pura. Por isso, Parmênides estava certo ao sustentar que “nada muda”.
- 2. Mas, ao mesmo tempo, Heráclito também estava certo em achar que devemos confiar em nossos sentidos. Devemos acreditar naquilo o que precisava ser rejeitado era a ideia de uma substância básica única. Nem a água nem o ar sozinhos podem se transformar em uma roseira ou uma borboleta. Não é possível que a fonte da Natureza seja um único “elemento”. Empédocles acreditava que a Natureza consistiria em quatro elementos, ou “raízes”, como os denominou. Essas quatro raízes seriam a terra, o ar, o fogo e a água.

A - Como ou por que acontecem as transformações que observamos na natureza?

- 1. todas as coisas seriam misturas de terra, ar, fogo e água, mas em proporções variadas. Assim as diferentes coisas que existem seriam os processos naturais gerados pela aproximação e à separação desses quatro elementos.
- 2. Quando uma flor ou um animal morrem, disse Empédocles, os quatro elementos voltam a se separar. Podemos registrar essas mudanças a olho nu. Mas a terra e o ar, o fogo e a água permaneceriam eternos, “intocados” por todos os componentes dos quais fazem parte. Dessa maneira, não é correto dizer que todas as coisas mudam.
- 3. Basicamente, nada mudaria. O que ocorre é que os quatro elementos se combinariam e se separariam - para se combinarem de novo, em um ciclo. B - O que faria esses elementos se combinarem de tal modo que fizessem surgir uma nova vida? E o que faria a “mistura”, digamos, de uma flor se dissolver de novo? Empédocles pensava que haveria duas forças diferentes atuando na Natureza. Ele as chamou de amor e discórdia. Amor uniria as coisas, a discórdia as separaria.

Curiosamente, os quatro elementos correspondem, um a um, aos quatro estados da natureza: terra (sólido), água (líquido), ar (gasoso) e fogo (plasma).

2.2.7 Demócrito e a Teoria Atômica DK55

Para Demócrito, as transformações que se podem observar na natureza não significavam que algo realmente se

transformava. Ele acreditava que todas as coisas eram formadas por uma infinidade de “pedrinhas minúsculas, invisíveis, cada uma delas sendo eterna, imutável e indivisível”. A estas unidades mínimas deu o nome de ÁTOMOS. Átomo significa indivisível, cada coisa que existe é formada por uma infinidade dessas unidades indivisíveis. “Isto porque se os átomos também fossem passíveis de desintegração e pudessem ser divididas em unidades ainda menores, a natureza acabaria por diluir-se totalmente”. Exemplo: se um corpo – de uma árvore ou animal, morre e se decompõe, seus átomos se espalham e podem ser reaproveitados para dar origem a outros corpos.

2.2.8 Xenófanes de Colofon DK21

Originário da Jônia, viveu no sul da Itália. Precursor do pensamento dos Eleatas. Para ele a Physis era a terra. Escreveu em estilo poético. Defendeu a ideia de um Deus único. Tinha influência Pitagórica.

Xenófanes, de Colofon -(século IV a. C) atribui-se a ele a fundação da escola de Eleia. Levou vida errante, passando parte dela na Sicília, tendo fugido de sua terra natal por causa da invasão dos medas. Alguns duvidam de sua ligação com Eleia. Em seus fragmentos defendeu um deus único, supremo, que não tinha a forma de homem. Realçou isso afirmando que os homens atribuem aos deuses características semelhantes a eles mesmos, que mudam de acordo com o povo. Se os animais tivessem mãos para realizarem obras, colocariam nos deuses suas características. Restaram de suas obras alguns fragmentos, sendo que uns satíricos. Foi contra a grande influência de Hesíodo e Homero (historiador e escritor gregos). Zombou dos atletas, preferindo a sua sabedoria aos feitos atléticos, que não enchiam celeiros. O deus segundo Xenófanes está implantado em todas as coisas, o todo é um, e é supra-sensível, imutável, sem começo, meio ou fim. Teve como discípulo Parmênides.

Segundo Hegel os gregos tinham apenas o mundo sensível diante de si, e não encontravam satisfação nisso. Assim jogavam tudo fora como sendo não verdadeiro, e chegavam ao pensamento puro. O infinito, Deus, é um só, pois se fosse dois haveria a finitude. Hegel identifica a dialética* em Xenófanes, uma consciência da essência, pura, e outra de opinião, uma sobrepondo a outra, indo contra a mitologia grega.

2.3 Escolas Italianas

2.3.1 Pitágoras de Samos

Representada pela mestre de Pitágoras, Temistocléia e seus seguidores: Teano, Damo, Arquitas de Tarento, Arignote, Equócrates, Melissa, Myia, Fíntis de Esparta, Filolau de Crotona. A maioria dos discípulos desenvolvia

conhecimentos em **matemática**.

Defendia uma doutrina com ênfase na **metafísica** e na *filosofia dos números e da música* como essência de tudo que existe e também da própria Divindade. O ponto central da doutrina religiosa é a crença na **transmigração das almas** ou **metempsicose**.

Pitágoras, o fundador da **Escola Pitagórica**, nasceu em Samos pelos anos 571-70 a.C. Em 532-31 foi para a Itália, na **Magna Grécia**, e fundou em **Crotona**, colônia grega, uma associação metafísico-científico-ético-política, que foi o centro de irradiação da escola e encontrou partidários entre os gregos da Itália meridional e da Sicília. Pitágoras aspirava - e também conseguiu - a fazer com que a educação ética da escola se ampliasse e se tornasse reforma política; isto, porém, levantou oposições contra ele e foi constrangido a deixar Crotona, mudando-se para **Metaponto**, aí morrendo provavelmente em 497-96 a.C. Um dos principais herdeiros foi o filósofo grego **Platão**.

2.3.2 Escola Eleática

Representada principalmente por:

- **Alcmeão de Crotona** Filho de Peiritoos, é um dos principais discípulos de Pitágoras. Foi jovem quando seu mestre já era avançado em anos. Seu interesse principal dirigia-se à **Medicina**, de que resultou a sua doutrina sobre o problema dos sentidos e da percepção. Alcmeão disse que só os deuses tem um conhecimento certo, aos homens só presumir é permitido.
- **Parmênides de Eleia** O acme de sua existência foi por volta de 500 a.C. Foi ele o primeiro a demonstrar a **esfericidade da Terra** e sua posição no centro do mundo. Segundo ele, existem dois elementos: o fogo e a terra. O primeiro elemento é criador, o segundo é matéria. Os homens nasceram da terra. Trazem em si o calor e o frio, que entram na composição de todas as coisas. O espírito e a alma são para ele uma única e a mesma coisa. Ha dois tipos de filosofia, uma se refere a verdade e a outra a opinião.
- **Zenão**
- **Melisso**

2.4 Segunda Fase do pensamento pré-socrático

2.4.1 Escola atomista

Leucipo e Demócrito de Abdera são os maiores expoentes.

2.4.2 Anaxágoras de Clazômena

Doutrina das Homeomerias.

Anaxágoras de Clazômenas (Clazômenas, c. 500 a.C. - Lâmpsaco, 428 a.C.), filósofo grego do período pré-socrático. Nascido em Clazômenas, na Jônia, fundou a primeira escola filosófica de Atenas, contribuindo para a expansão do pensamento filosófico e científico que era desenvolvido nas cidades gregas da Ásia. Era protegido de Péricles que também era seu discípulo. Em 431 a.C. foi acusado de impiedade e partiu para Lâmpsaco, uma colônia de Mileto, também na Jônia, e lá fundou uma nova escola.

- Escreveu um tratado aparentemente pequeno intitulado “Sobre a natureza”, em que tentava conciliar a existência do múltiplo frente à crítica de Parmênides de Eleia e sua escola. Afirmava que o universo se constitui pela ação do *Nous* (νοῦς), conceito que geralmente é traduzido por *espírito*, *mente* ou *inteligência*. Segundo o filósofo, o *Nous* atua sobre uma mistura inicial formada de sementes que contém uma porção de cada coisa. Assim, o *Nous*, que é ilimitado, autônomo e não misturado com nada mais, age sobre estas sementes ordenando-as e constituindo o mundo sensível. Os fragmentos preservados versam sobre: cosmologia, biologia e percepção. Esta noção de *causa inteligente*, que estabelece uma finalidade na evolução universal, irá repercutir em filósofos posteriores, como Platão e Aristóteles.

Anaxágoras aparece ao lado de Pitágoras no quadro da “Escola de Atenas” do pintor Rafael, segurando a tableta com o número triangular 1+2+3+4, a sagrada *tetraktys* dos Pitagóricos.

2.5 Referências

- [1] Ver KIRK RAVEN (1977), p. 3–4, GUTHRIE (1962), p. XIII e BARNES (2005), p. 10 e nota 14 na p. 473.
- [2] ver BARNES (2005), p. 10.
- [3] Ver DIELS KRANZ (1960).

2.6 Bibliografia

- BARNES, Jonathan (2005). *The Presocratic Philosophers* (em inglês). London: Routledge
- BORNHEIM, Gerd A. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Ed. Cultrix, 2005. ISBN 978-85-316-0172-9, «Preview no Google Books»
- CAVALCANTE DE SOUSA, José. *Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Ed. Ática, 1991. (Coleção Os Pensadores vol. I)


- DIELS, Hermann (1879). *Doxographi Graeci* (em grego e latim). Berlin: G. Reimer
- DIELS, Hermann; KRANZ, Walther (1960). *Die Fragmente der Vorsokratiker* (em grego e alemão). I 9a. ed. Berlin: Weidmannsche Verlagsbuchhandlung
- GUTHRIE, W.K.C (1962). *History of Greek Philosophy. Volume I. The Earlier Presocratics and the Pythagoreans* (em inglês). Cambridge: Cambridge University Press
- KIRK, G.S.; RAVEN, J.S (1977). *The Presocratic Philosophers* (em inglês). Cambridge: Cambridge University Press
- SPINELLI, Miguel. *Filósofos Pré-Socráticos. Primeiros Mestres da Filosofia e da Ciência grega*. Porto Alegre: Edipucrs, 2ª ed., 2003. ISBN 85-7430-007-1.
- ZELLER, E (1881). *History of Greek philosophy. vol I* (em inglês). London: Longmans, Green and Co

2.7 Ligações externas

- Hermann Diels— obras relacionadas a Hermann Diels no Internet Archive.
- *Ancilla to the Pre-Socratic Philosophers* — Tradução completa para o (em inglês) dos fragmentos na 5a. edição de *Die Fragmente der Vorsokratiker* por Kathleen Freeman.
- Textos originais em grego com tradução ao italiano

Capítulo 3

Sócrates

 **Nota:** Se procura por algum outro homem com o nome *Sócrates*, veja *Sócrates* (desambiguação).

Sócrates (em grego: Σωκράτης, IPA: [soːkrátɛːs], transl. *Sōkrátēs*; Atenas, c. 469 a.C. - Atenas, 399 a.C.)^[1] foi um filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga. Creditado como um dos fundadores da filosofia ocidental, é até hoje uma figura enigmática, conhecida principalmente através dos relatos em obras de escritores que viveram mais tarde, especialmente dois de seus alunos, Platão e Xenofonte, bem como pelas peças teatrais de seu contemporâneo Aristófanes. Muitos defendem que os diálogos de Platão seriam o relato mais abrangente de Sócrates a ter perdurado da Antiguidade aos dias de hoje.^[2]

Através de sua representação nos diálogos de seu estudante ou professor, Sócrates tornou-se renomado por sua contribuição no campo da ética, e é este Sócrates platônico que legou seu nome a conceitos como a ironia socrática e o método socrático (*elenchus*). Este permanece até hoje a ser uma ferramenta comumente utilizada numa ampla gama de discussões, e consiste de um tipo peculiar de pedagogia no qual uma série de questões são feitas, não apenas para obter respostas específicas, mas para encorajar também uma compreensão clara e fundamental do assunto sendo discutido. Foi o Sócrates de Platão que fez contribuições importantes e duradouras aos campos da epistemologia e da lógica, e a influência de suas ideias e de seu método continuam a ser importantes alicerces para boa parte dos filósofos ocidentais que se seguiram a ele.

Nas palavras do filósofo britânico Martin Cohen, Platão, o idealista, oferece “um ídolo, a figura de um mestre, para a filosofia. Um santo, um profeta do 'Deus-Sol', um professor condenado por seus ensinamentos como herege.”^[3]

3.1 Biografia

Detalhes sobre a vida de Sócrates derivam de três fontes contemporâneas: os diálogos de Platão, as peças de Aristófanes e os diálogos de Xenofonte. Não há evidência de que Sócrates tenha ele mesmo publicado alguma



Platão, discípulo de Sócrates e um dos mais influentes filósofos até os dias de hoje. É através de seus diálogos que se pode saber sobre a vida de Sócrates.

obra. Alguns autores defendem que ele não deixou nada escrito pois, além de na sua época a transmissão do saber ser feita, essencialmente, pela via oral, Sócrates assumia-se como alguém que sabe que nada sabe. Assim, para ele, a escrita fecharia o conhecimento, deixando-o de forma acabada, amarrando o seu autor ao estrito contexto de afirmações inamovíveis: se essas afirmações contemplam o erro, a escrita não só o perpetua como garante a sua transmissão.^[4]

As obras de Aristófanes retratam Sócrates como um personagem cômico e sua representação não deve ser levada ao pé da letra.^[5]

3.1.1 Vida

Nascido nas planícies do monte Licabeto, próximo a Atenas, Sócrates vinha de família humilde.^[6] Era filho de Sofronisco^[7] - motivo pelo qual ele era chamado em sua juventude de *Sokrates ios Sōfronískos* (Sócrates, o filho de Sofronisco) -, um escultor, especialista em entalhar colu-

nas nos templos, e Fainarete, uma parteira (ambos eram parentes de Aristides, o Justo).



Ilustração do Emblem book, retratando Xântipe esvaziando um pote sobre Sócrates, do Emblemata Horatiana ilustrado por Otho Vaenius, 1607.

Durante sua infância, ajudou seu pai no ofício de escultor. Porém, muitas vezes seus amigos zombavam da sua incapacidade de trabalhar o mármore. Mesmo quando aparecia uma oportunidade de ajudar o seu pai, sempre acabava atrapalhando.^[8] Seu destino foi apontado, pelo próprio Oráculo de Delfos, como um grande educador,^[carece de fontes?] mas foi somente por influência da sua mãe que ele pôde descobrir sua verdadeira vocação.

Sócrates foi casado com Xântipe, que era bem mais jovem que ele, e teve um filho, Lamprocles.^[9] Há relatos de que o casal possivelmente teve mais dois filhos, Sofronisco e Menexeno.^[carece de fontes?] Porém, segundo Aristóteles, citado por Diógenes Laércio, Sofronisco e Menexeno eram filhos da segunda esposa de Sócrates, Mirto, filha de Aristides, o Justo.^[9] Sátiro e Jerônimo de Rodes, também citados por Diógenes Laércio, dizem que, pela falta de homens em Atenas, foi permitido a um ateniense casado ter filhos com outra mulher, e que Sócrates teria tido Xântipe e Mirto ao mesmo tempo.^[10]

Seu amigo Críton criticou-o por ter abandonado seus filhos quando se recusou a tentar fugir para evitar sua execução. Este fato mostra que ele (assim como outros discípulos) não teria entendido a mensagem que Sócrates passa sobre a morte (diálogo Fédon).

Sócrates costumava caminhar descalço, não tinha o hábito de tomar banho e amava livros sobre sexologia. Em certas ocasiões, parava o que quer que estivesse fazendo, ficava imóvel por horas, meditando sobre algum

problema. Certa vez o fez descalço sobre a neve, segundo os escritos de Platão, o que demonstra seu caráter lendário.^[11]

Cláudio Eliano lista Sócrates como um dos grandes homens que gostavam de brincar com crianças: uma vez, Alcibiades surpreendeu Sócrates brincando com seu filho Lamprocles.^[12]

3.1.2 Vocação



Anaxágoras, um dos professores de Sócrates

Conta-se que um dia Sócrates foi levado junto à sua mãe para ajudar em um parto complicado. Vendo sua mãe realizar o trabalho, Sócrates logo “filosofou”: *Minha mãe não irá criar o bebê, apenas ajudá-lo-á a nascer e tentará diminuir a dor do parto. Ao mesmo tempo, se ela não tirar o bebê, logo ele irá morrer, e igualmente a mãe morrerá!*

Sócrates concluiu então que, de certa forma, ele também era um parteiro. *O conhecimento está dentro das pessoas (que são capazes de aprender por si mesmas). Porém, eu posso ajudar no nascimento deste conhecimento.* Concluiu ele. Por isso, até hoje os ensinamentos de Sócrates são conhecidos por maiêutica (que significa parteira em grego).^[13]

Assim, logo sua vocação falou mais alto e ele partiu para aprender filosofia, onde foi discípulo dos filósofos Anaxágoras e Arquelaus. Seu talento logo chamou a atenção. Tanto que foi chamado pela Pítia (sacerdotisa do templo de Apolo, em Delfos, Antiga Grécia) de *o mais sábio de todos os homens!*^[7]

3.1.3 Trabalho

Não se sabe ao certo qual o trabalho de Sócrates, se é que ele teve outro além da filosofia. De acordo com algumas fontes, Sócrates aprendeu a profissão de oleiro com seu

pai. Na obra de **Xenofonte**, Sócrates aparece declarando que se dedicava àquilo que ele considerava a arte ou ocupação mais importante: **maiêutica**, o parto das ideias. A maiêutica socrática funcionava a partir de dois momentos essenciais: um primeiro em que Sócrates levava os seus interlocutores a pôr em causa as suas próprias concepções e teorias acerca de algum assunto; e um segundo momento em que conduzia os interlocutores a uma nova perspectiva acerca do tema em abordagem. Daí que a maiêutica consistisse num autêntico parto de ideias, pois, mediante o questionamento dos seus interlocutores, Sócrates levava-os a colocar em causa os seus **preconceitos** acerca de determinado assunto, conduzindo-os a novas ideias acerca do tema em discussão, reconhecendo, assim, a sua ignorância e gerando novas ideias, mais próximas da verdade.^[carece de fontes?]



Sócrates e seus alunos, de *Johann Friedrich Greuter* (obra datada do século XVII).

Sócrates defendia que deve-se sempre dar mais ênfase à procura do que não se sabe, do que transmitir o que se julga saber, privilegiando a investigação permanente.

Sócrates tinha o hábito de debater e dialogar com as pessoas de sua cidade. Ao contrário de seus predecessores, ele não fundou uma escola, preferindo também realizar seu trabalho em locais públicos (principalmente nas praças públicas e ginásios), agindo de forma descontraída e descompromissada, dialogando com todas as pessoas, o que fascinava jovens, mulheres e políticos de sua época.^[14]

Platão afirma que Sócrates não recebia pagamento por suas aulas. Sua pobreza era prova de que não era um sofista.

Várias fontes, inclusive os **Diálogos de Platão**, mencionam que Sócrates tinha servido ao exército em várias batalhas. Na **Apologia de Sócrates**, Sócrates compara seu período no serviço militar a seus problemas no tribunal, e diz que qualquer pessoa no júri que imagine que ele deveria se retirar da filosofia deveria também imaginar que os soldados devessem bater em retirada quando era provável que pudessem morrer em uma batalha. **Estrabão** conta que, após uma derrota ateniense em que Sócrates e **Xenofonte** haviam perdido seus cavalos, Sócrates encon-

trou **Xenofonte** caído no chão, e carregou-o por vários estádios, até que a batalha terminou.^[15]

3.1.4 Do julgamento à morte

“Eu predigo-vos portanto, a vós juízes, que me fazeis morrer, que tereis de sofrer, logo após a minha morte, um castigo muito mais penoso, por Zeus, que aquele que me infligis matando-me. Acabais de condenar-me na esperança de ficardes livres de dar contas da vossa vida; ora é exatamente o contrário que vos acontecerá, asseguro-vos (...) Pois se vós pensardes que matando as pessoas, impedireis que vos reprovem por viverem mal, estais em erro. Esta forma de se desembaraçarem daqueles que criticam não é nem muito eficaz nem muito honrosa.”^[16] Sócrates

O julgamento e a execução de Sócrates são eventos cen-



"A Morte de Sócrates", por *Jacques-Louis David* (1787)

trais da obra de Platão (**Apologia** e **Críton**). Sócrates admitiu que poderia ter evitado sua condenação a morte, bebendo antes o veneno chamado **cicuta**, se tivesse desistido da vida justa. Mesmo depois de sua condenação, ele poderia ter evitado sua morte se tivesse escapado com a ajuda de amigos.

Platão considerou que Sócrates foi condenado por questões evidentemente políticas. Por seu lado, **Xenofonte** atribuiu a acusação a Sócrates a um fato de ordem pessoal, pelo desejo de vingança. O propósito não era a morte de Sócrates mas sim afastá-lo de Atenas e se isso não ocorreu deveu-se à teimosia de Sócrates.^[17]

Julgamento

Tão logo as ideias de Sócrates foram se espalhando pela cidade, ele ganhava mais e mais discípulos.

Assim, pensavam eles: *Como um homem poderia ensinar de graça e pregar que não se precisavam de professoras como eles?* E mais: Eles não concordavam com os pensamentos de Sócrates, que dizia que para se acreditar em algo, era preciso verificar se aquilo realmente era verdade.

Logo Sócrates começou a fazer vários inimigos, assim

causando uma grande intriga. Mas eis que a guerra do Peloponeso estourou, todos os homens entre 15 e 45 anos de idade foram enviados para lutar. Sócrates, pela sua habilidade de fazer as pessoas o seguirem, foi escolhido então como um dos generais.

Ao final da guerra, com a intenção de salvar os poucos soldados que estavam vivos, Sócrates ordena que todos voltem rapidamente para Atenas, mas deixassem os mortos no campo de batalha - contrariando uma lei que obrigava o general a enterrar todos os seus soldados mortos, ou morrer tentando. Assim, ao chegar, ele é preso.

Usando toda a sua capacidade de persuasão, Sócrates consegue convencer a todos de que era melhor deixar alguns mortos do que morrerem todos, uma vez que se todos morressem, ninguém poderia enterrá-los. Desta forma ele consegue a liberdade.

Ficou livre por mais 30 anos, quando foi preso novamente, acusado de 3 crimes:

- 1- Não acreditar nos costumes e nos deuses gregos;
- 2- Unir-se a deuses malignos que gostam de destruir as cidades;
- 3- Corromper jovens com suas ideias;

Os acusadores foram: **Ânito**, **Meleto** e **Lícon**.

- **Ânito** - era um líder democrático. Tinha um filho discípulo de Sócrates que ria dos deuses do pai e voltava-se contra eles. Representava a classe dos políticos. Era um rico tanoeiro que representava os interesses dos comerciantes e industriais, era poderoso e influente.
- **Meleto** - era um poeta trágico novo e desconhecido. Foi o acusador oficial, porém nada exigia que ele como acusador oficial fosse o mais respeitável, hábil ou temível, mas somente aquele que assinava a acusação. Representava a classe dos poetas e adivinhos.
- **Lícon** - Pouco se sabe de Lícon. Era um retórico obscuro e o seu nome teve pouca importância e autoridade no decorrer da condenação de Sócrates. Representava a classe dos oradores e professores de retórica. Talvez Lícon pretendesse a condenação de Sócrates, devido ao seu filho ter-se deixado corromper moralmente, filosoficamente e sexualmente por Callias, e Callias era um associado de Sócrates.^[18]

Estas 3 acusações foram assim proferidas por Meleto:

"...Sócrates é culpado do crime de não reconhecer os deuses reconhecidos pelo Estado e de introduzir divindades novas; ele é ainda culpado de corromper a juventude. Castigo pedido: a morte"^[19]

Condenação

"O processo e a condenação de Sócrates testemunham o perigo que a ignorância faz correr ao saber, que o mal faz correr à virtude. Mas este perigo não é senão aparente, pois, na realidade, é o justo que triunfa dos seus carrascos. Se bem que seja vítima deles, o triunfo de Sócrates sobre os seus juizes data do dia da sua execução."(Jean Brun)

[20]

Dado a ele a chance de se defender destas acusações, Sócrates mostra toda a sua capacidade de pensamento.

Em sua defesa, ele mostra que as acusações eram contraditórias, questionando: *Como posso não acreditar nos deuses e ao mesmo tempo me unir a eles?*

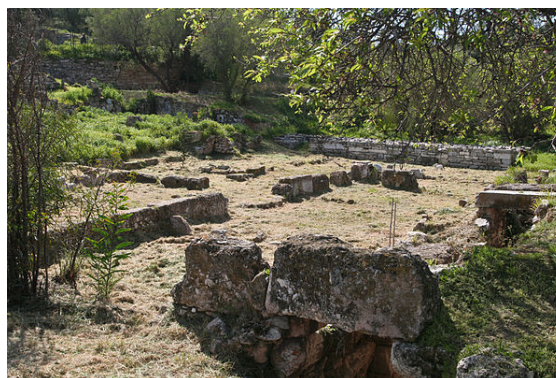
Mesmo assim, o tribunal, constituído por 501 cidadãos, o condenou. Mas não a morte, pois sabiam que se o condenassem à morte, milhares de jovens iriam se revoltar. Condenaram-no a se exilar para sempre, ou a lhe ser cortada a língua, impossibilitando-o assim de ensinar aos demais. Caso se negasse, ele seria morto.^[21]

Após receber sua sentença, Sócrates proferiu: - *Vocês me deixam a escolha entre duas coisas: uma que eu sei ser horrível, que é viver sem poder passar meus conhecimentos adiante. A outra, que eu não conheço, que é a morte ... escolho pois o desconhecido!*

Morte

[22]

Ao se dirigir aos atenienses que o julgaram, Sócrates disse que lhes era grato e que os amava, mas que obedeceria antes aos deuses do que a eles, pois, enquanto tivesse um sopro de vida, poderiam estar seguros de que não deixaria de filosofar, tendo, como sua única preocupação, andar pelas ruas a fim de persuadir seus concidadãos, moços e velhos, a não se preocupar nem com o corpo nem com a fortuna tão apaixonadamente quanto a alma, a fim de torná-la tão boa quanto possível.^[23]



Local onde Sócrates ficou preso antes de morrer.

Sócrates, então, deixou o tribunal e foi para a prisão.

Como existia uma lei que exigia que nenhuma execução acontecesse durante a viagem **votiva** de um navio sagrado a **Delos**, Sócrates ficou a ferros por 30 dias, sob custódia de onze magistrados encarregados em **Atenas** da polícia e da administração penitenciária.

Durante estes 30 dias, ele recebeu os seus amigos e conversou com eles. Declarando não querer absolutamente desobedecer às leis da pátria, Sócrates recusava a ajuda dos amigos para fugir. E passou o tempo preparando-se para o passo extremo em **palestras** espirituais com os amigos.

Chegado o momento da execução, pouco antes de beber o **veneno**, Sócrates, de forma **irônica** e **sarcástica** (como de costume), proferiu suas últimas palavras:^[24]

Após essas palavras, Sócrates bebeu a cicuta (*Conium maculatum*) e, diante dos amigos, aos 70 anos, morreu por envenenamento.

Platão, no seu livro **Fédon**, assim narrou a morte de seu mestre:



“A morte de Sócrates”: desenho de Daniel Chodowiecki (1726-1801)

No **Fédon**, Sócrates dá **razões** para crer na **imortalidade**. Quando Sócrates foi condenado à morte, comentou, alegremente, que, no outro mundo, poderia fazer perguntas eternamente sem ser condenado a morrer, porque era imortal.^[25]

3.2 Ruptura e legado

Sócrates provocou uma ruptura sem precedentes na história da Filosofia grega, por isso ela passou a considerar os filósofos entre pré-socráticos e pós-socráticos. Enquanto os filósofos pré-Socráticos, chamados de naturalistas, procuravam responder a questões do tipo: “O que é a natureza ou o fundamento último das coisas?” Sócrates, por sua vez, procurava responder à questão: “O que é a natureza ou a realidade última do homem?”

Os **sofistas**, grupo de filósofos (título negado por Platão) originários de várias cidades, viajavam pelas pólis, onde



Sócrates (à direita) é homenageado juntamente com Platão, na entrada da moderna Academia de Atenas, de 1926.

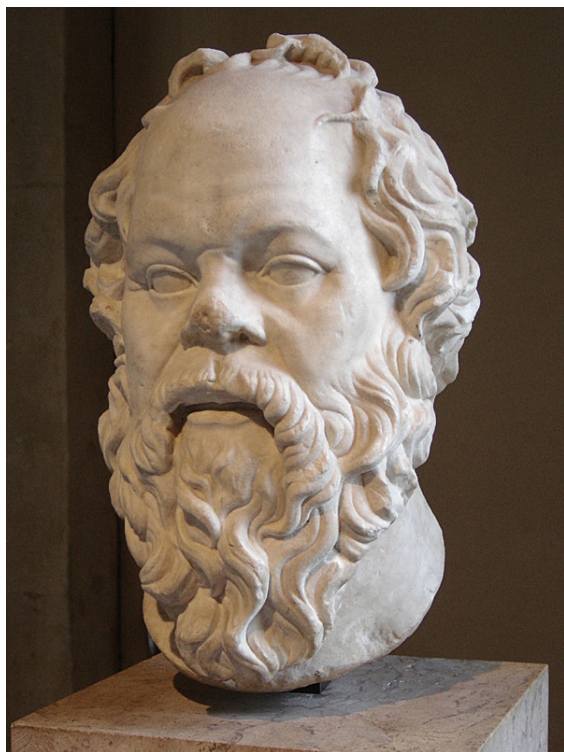
discursavam em público e ensinavam suas artes, como a **retórica**, em troca de pagamento. Sócrates se assemelhava exteriormente a eles, exceto no pensamento. Platão afirma que Sócrates não recebia pagamento por suas aulas. Sua pobreza era prova de que não era um sofista. Para os sofistas tudo deveria ser avaliado segundo os interesses do homem e da forma como este vê a realidade social (**subjetividade**), segundo a máxima de **Protágoras**: “O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são.” Isso significa que, segundo essa corrente de pensamento, as regras morais, as posições políticas e os relacionamentos sociais deveriam ser guiados conforme a conveniência individual. Para este fim qualquer pessoa poderia se valer de um discurso convincente, mesmo que falso ou sem conteúdo. Os sofistas usavam, de fato, complicados jogos de palavras, no discurso para demonstrar a **verdade**^[26] daquilo que se pretendia alcançar. Este tipo de argumento ganhou o nome de **sofisma**.

Em resumo, a sofística destruía os fundamentos de todo conhecimento, já que tudo seria relativo (**relativismo**) e os **valores** seriam subjetivos, assim como impedia o estabelecimento de um conjunto de normas de comportamento que garantissem os mesmos direitos para todos os cidadãos da **pólis**. Tanto quanto os **sofistas**, Sócrates abandonou a preocupação em explicar e se concentrou no problema do homem. No entanto, contrariamente aos **sofistas**, Sócrates travou uma polêmica profunda com estes, pois procurava um fundamento último para as interações humanas (“O que é o bem?” “O que é a virtude?” “O que é a justiça?”); enquanto os sofistas situavam as suas reflexões a partir dos dados empíricos, o **sensório** imediato, sem se preocupar com a investigação de uma essência da virtude, da justiça do bem etc., a partir da qual a própria realidade empírica pudesse ser avaliada.

Sócrates contribuiu para que as pessoas se apercebessem da descoberta da evidência que é a manifestação do mestre interior à alma. Conhecer-se a si mesmo seria conhecer Deus em si.^[27]

Aquilo que colocou Sócrates em destaque foi o seu método, e não tanto as suas doutrinas. Sócrates baseava-se na argumentação, insistindo que só se descobre a verdade pelo uso da razão. O seu legado reside sobretudo na sua convicção inabalável de que mesmo as questões mais abstratas admitem uma análise racional.^[28]

3.2.1 Filosofia




Cabeça de Sócrates. Museu do Louvre.

O seu pensamento desenvolveu-se de 3 grandes ideias:

- a) a crítica aos sofistas;
- b) a arte de perguntar;
- c) a consciência do Homem.

Método Socrático

 Ver artigo principal: Método socrático

O *método socrático* consiste em uma técnica de investigação filosófica, que faz uso de perguntas simples e quase ingênuas que têm por objetivo, em primeiro lugar, revelar as contradições presentes na atual forma de pensar do aluno, normalmente baseadas em valores e preconceitos da sociedade, e auxiliá-lo assim a redefinir tais valores, aprendendo a pensar por si mesmo^[29].

Ideias Filosóficas

As crenças de Sócrates, em comparação às de Platão, são difíceis de discernir. Há poucas diferenças entre as duas ideias filosóficas. Consequentemente, diferenciar as crenças filosóficas de Sócrates, Platão e Xenofonte é uma tarefa difícil e deve-se sempre lembrar que o que é atribuído a Sócrates pode refletir o pensamento dos outros autores.

Se algo pode ser dito sobre as ideias de Sócrates, é que ele foi moralmente, intelectualmente e filosoficamente diferente de seus contemporâneos atenienses. Quando estava sendo julgado por heresia e por corromper a juventude, usou seu método de *elenchos* para demonstrar as crenças errôneas de seus julgadores. Sócrates acreditava na imortalidade da alma e que teria recebido, em um certo momento de sua vida, uma missão especial do deus Apolo Apologia, a defesa do logos apolíneo "conhece-te a ti mesmo".

Sócrates também duvidava da ideia sofista de que a *arete* (virtude) podia ser ensinada para as pessoas. Acreditava que a excelência moral é uma questão de inspiração e não de parentesco, pois pais moralmente perfeitos não tinham filhos semelhantes a eles. Isso talvez tenha sido a causa de não ter se importado muito com o futuro de seus próprios filhos. Sócrates frequentemente dizia que suas ideias não eram próprias, mas de seus mestres, entre eles Pródico e Anaxágoras de Clazômenas .

Amor

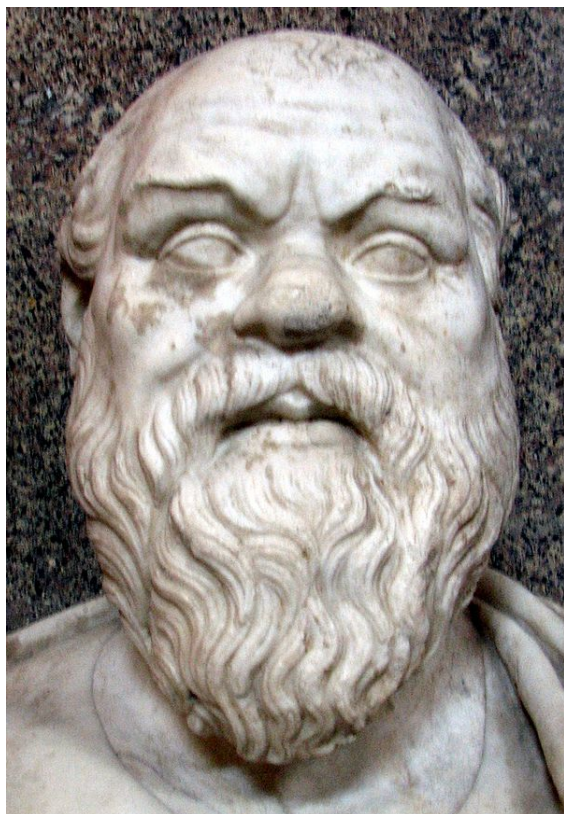
Em *O Banquete*, de Platão, Sócrates revela que foi a sacerdotisa Diotima de Mantinea que o iniciou nos conhecimentos e na genealogia do amor. As ideias de Diotima estão na origem do conceito socrático-platônico do amor. Também em *O Banquete*, no discurso de Alcibiades se descreve o amor entre Sócrates e Alcibiades.

Conhecimento

Sócrates dizia que sua sabedoria era limitada à sua própria ignorância. Segundo ele, a verdade, escondida em cada um de nós, só é visível aos olhos da razão (daí a célebre frase "*Só sei que nada sei!*").^[30] Ele acreditava que os erros são consequência da ignorância humana. Nunca proclamou ser sábio. A intenção de Sócrates era levar as pessoas a conhecerem seus desconhecimentos ("*Conhece-te a ti mesmo*"). Através da problematização de conceitos conhecidos, daquilo que se conhece, percebe-se os dogmas e preconceitos existentes.

Virtude

O estudo da virtude se inicia com Sócrates, para quem a virtude é o fim da atividade humana e se identifica com o bem que convém à natureza humana.^[31]



Busto de Sócrates no Museu do Vaticano.

Sócrates acreditava que o melhor modo para as pessoas viverem era se concentrando no próprio desenvolvimento ao invés de buscar a riqueza material. Convidava outros a se concentrarem na amizade e em um sentido de comunidade, pois acreditava que esse era o melhor modo de se crescer como uma população. Suas ações são provas disso: ao fim de sua vida, aceitou a sentença de morte quando todos acreditavam que fugiria de Atenas, pois acreditava que não podia fugir de sua comunidade. Acreditava que os seres humanos possuíam certas virtudes, tanto filosóficas quanto intelectuais. Dizia que a virtude era *a mais importante de todas as coisas*.

Política

Diz-se que Sócrates acreditava que *as ideias pertenciam a um mundo que somente os sábios conseguiam entender*, fazendo com que o filósofo se tornasse o perfeito governante para um Estado. Opunha-se à **democracia** aristocrática que era praticada em Atenas durante sua época; essa mesma ideia surge nas Leis de Platão, seu discípulo. Sócrates acreditava que ao se relacionar com os membros de um parlamento a própria pessoa estaria fazendo-se hipócrita.

O Sócrates também foi a favor de uma burocracia eleita, em detrimento de uma burocracia por sorteio:

Paradoxo Socrático

Os “paradoxos socráticos” são posições éticas defendidas por Sócrates que vão contra (*para*) a opinião (*doxa*) comum. Os principais paradoxos são:^[34]

1. “A virtude é um conhecimento”;
2. “Ninguém faz o mal voluntariamente”;
3. “As virtudes constituem uma unidade”;
4. “É preferível sofrer injustiça do que cometê-la” (Górgias 469 b-c) ou “jamais se deve responder à injustiça pela injustiça, nem fazer mal a outrem, nem mesmo àquele que nos fez mal” (Crítón 49 c-d).

Sócrates afirmava que “Ninguém faz o mal voluntariamente, mas por ignorância, pois a sabedoria e a virtude são inseparáveis.”^[35]

3.3 Ver também

- Método socrático
- Diálogo socrático

3.4 Referências

- [1] «Socrates». *Encyclopaedia Britannica*. 1911. Consultado em 14 de novembro de 2007
- [2] Kofman, Sarah. *Socrates: Fictions of a Philosopher* (1998) ISBN 0-8014-3551-X
- [3] Cohen, Martin. *Philosophical Tales* (2008) ISBN 1-4051-4037-2
- [4] Ocanto.esenseu.net/ De Sócrates a Platão: entre a Ágora e a Academia. Visualizado em 06/01/2012.
- [5] Guthrie, W. K. C. (1988/2003). *Historia de la filosofía griega. Volumen III. Siglo V. Ilustración. Parte Segunda: Sócrates. XII. El problema y las fuentes. 1. Generalidades*. [S.l.]: Madrid: Editorial Gredos. 315 páginas. ISBN 978-84-249-1268-0 Verifique data em: lano= (ajuda)
- [6] Brasilecola.com Sócrates e a verdade interior, por Luciano Vieira Francisco. Visualizado em 09/01/2012.
- [7] Pausânias (geógrafo), *Descrição da Grécia*, 1.22.8 [em linha]
- [8] Historiadomundo.com.br Sócrates (470 a.c.–399 a.c.) – História de Sócrates. Visualizado em 09/01/2012.
- [9] Aristóteles, citado por Diógenes Laércio, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Livro II, *Sócrates*, 26

- [10] Sátiro e Jerônimo de Rodes, citados por Diógenes Laércio, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Livro II, *Sócrates*, 26
- [11] Faculdade Baiana De Direito O Desafio Socrático, por prof. Dr. Júlio C. R. de Vasconcelos. Visualizado em 09/01/2012.
- [12] Eliano, *Varia Historia*, Livro XII, Capítulo XV, *De certas pessoas excepcionais que gostavam de brincar com crianças*
- [13] [Historiadomundo.com.br](http://historiadomundo.com.br) Sócrates (470 a.c.–399 a.c.) – História de Sócrates. Visualizado em 09/01/2012.
- [14] [Antroposmoderno.com](http://antroposmoderno.com) Sócrates. Visualizado em 09/01/2012.
- [15] Estrabão, *Geografia*, Livro IX, Capítulo 2, 7
- [16] [Educ.fc.ul.pt](http://educ.fc.ul.pt) Morte de Sócrates, por Olga Pombo. Visualizado em 09/01/2012.
- [17] [JornalNordeste](http://jornalnordeste.com.br) A Morte de Sócrates, por José Antônio Ferreira. Arquivo: Edição de 29-03-2011 Seção: Opinião. Visualizado em 09/01/2012.
- [18] [Educ.fc.ul.pt](http://educ.fc.ul.pt) Morte de Sócrates, por Olga Pombo. Visualizado em 09/01/2012.
- [19] [JornalNordeste](http://jornalnordeste.com.br) A Morte de Sócrates, por José Antônio Ferreira. Arquivo: Edição de 29-03-2011 Seção: Opinião. Visualizado em 09/01/2012.
- [20] [Educ.fc.ul.pt](http://educ.fc.ul.pt) Morte de Sócrates, por Olga Pombo. Visualizado em 09/01/2012.
- [21] [Historiadomundo.com.br](http://historiadomundo.com.br) Sócrates (470 a.c.–399 a.c.) – História de Sócrates. Visualizado em 09/01/2012.
- [22] [JornalNordeste](http://jornalnordeste.com.br) A Morte de Sócrates, por José Antônio Ferreira. Arquivo: Edição de 29-03-2011 Seção: Opinião. Visualizado em 09/01/2012.
- [23] <http://www.coladaweb.com/filosofia/socrates>
- [24] [Educ.fc.ul.pt](http://educ.fc.ul.pt) Morte de Sócrates, por Olga Pombo. Visualizado em 09/01/2012.
- [25] [Educ.fc.ul.pt](http://educ.fc.ul.pt) Morte de Sócrates, por Olga Pombo. Visualizado em 9/1/2012.
- [26] «Nova Escola: Sócrates, o mestre em busca da verdade» Texto “Nova Escola ” ignorado (ajuda)
- [27] [Educ.fc.ul.pt](http://educ.fc.ul.pt) Morte de Sócrates, por Olga Pombo. Visualizado em 09/01/2012.
- [28] [Paginasdefilosofia](http://paginasdefilosofia.com) O legado de Sócrates. Visualizado em 06/01/2012.
- [29] Stavemann, H. (2007). *Sokratische Gesprächsführung in Therapie und Beratung*. Weinheim: Beltz.
- [30] [Portalsaofrancisco.com.br](http://portalsaofrancisco.com.br) Sócrates - Natural de Atenas. Visualizado em 06/01/2012.
- [31] [Ceismael.com.br](http://ceismael.com.br) Virtude e as Virtudes. Autor: Sérgio Biagi Gregório. Visualizado em 09/01/2012.
- [32] Isocrates. *Areopagiticus* (seção 23)
- [33] *Memorabilia, Xenofonte* Livro I, 2,9
- [34] [Filosofiapopular](http://filosofiapopular.com) Os Paradoxos Socráticos. Visualizado em 06/01/2012.
- [35] [Fisica.net](http://fisica.net) Paradoxo Socrático. Visualizado em 09/01/2012.

3.5 Bibliografia


- COTRIM, Gilberto. *Fundamento da Filosofia*, 2000;
- CHALITA, Gabriel. *Vivendo a Filosofia*, 2005;
- GUTHRIE, William K. C.. *Socrates*. Cambridge: University Press, 1994;
- MAGALHÃES-VILHENA, V. de. *O problema de Sócrates. O Sócrates histórico e o Sócrates platônico*. Lisboa: Gulbenkian, 1984;
- MOSSÉ, Claude. *O processo de Sócrates*. Tradução de Arnaldo Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987;
- SPINELLI, Miguel. *Questões Fundamentais da Filosofia Grega*. São Paulo: Loyola, 2006, pp. 45–186;
- WOLFF, Francis. *Socrate*. Paris: Presses Universitaires de France, 2007

3.6 Ligações externas

- Ética
- *Diálogos de Platão* (em inglês)

Capítulo 4

Platão

 **Nota:** Para outros significados, veja Platão (desambiguação).

Platão (em grego antigo: Πλάτων, transl. *Plátōn*, “amplo”,^[1] Atenas,^[nota 1] 428/427^[nota 2] – Atenas, 348/347 a.C.) foi um filósofo e matemático do período clássico da Grécia Antiga, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. Juntamente com seu mentor, Sócrates, e seu pupilo, Aristóteles, Platão ajudou a construir os alicerces da filosofia natural, da ciência e da filosofia ocidental.^[10] Acredita-se que seu nome verdadeiro tenha sido Aristocles^[11].

Platão era um racionalista, realista, idealista e dualista e a ele tem sido associadas muitas das ideias que inspiraram essas filosofias mais tarde.^[12]

4.1 Vida

4.1.1 Origem

A mãe de Platão era Perictíone, cuja família gabava-se de um relacionamento com o famoso legislador e poeta lírico ateniense Sólon^[13]. Perictíone era irmã de Cármides e sobrinha de Crítias, ambas figuras proeminentes na época da Tirania dos Trinta, a breve oligarquia que se seguiu sobre o colapso de Atenas no final da Guerra do Peloponeso (404–403 a.C.).^[14] Além do próprio Platão, Aristão e Perictíone tiveram outros três filhos: Adimanto, Glaucão e uma filha, Potone, a mãe de Espeusipo (então o sobrinho e sucessor de Platão como chefe de sua Academia).^[14] De acordo com *A República*, Adimanto e Glaucão eram mais velhos que Platão.^[15] No entanto, na *Memorabilia*, Xenofonte apresenta Glaucão como sendo mais novo que Platão.^[16]

Aristão^[17] parece ter morrido na infância de Platão, embora a data exata de sua morte seja desconhecida^[18]. Perictíone então casou-se com Perilampes, irmão de sua mãe^[19] que tinha servido muitas vezes como embaixador para a corte persa e era um amigo de Péricles, líder da facção democrática em Atenas.^[20]

Em contraste com a sua reticência sobre si mesmo, Platão muitas vezes introduziu seus ilustres parentes em seus diálogos, ou a eles referenciou com alguma precisão: Cármides tem um diálogo com o seu nome; Crítias fala tanto em *Cármides* quanto em *Protágoras*; e Adimanto e Glaucão têm trechos importantes em *A República*.^[21] Estas e outras referências sugerem uma quantidade considerável de orgulho da família e nos permitem reconstruir a árvore genealógica de Platão. De acordo com Burnet, “a cena de abertura de Cármides é uma glorificação de toda [família] ligação... os diálogos de Platão não são apenas um memorial para Sócrates, mas também sobre os dias mais felizes de sua própria família.”^[22]

4.1.2 Infância e juventude

Platão nasceu em Atenas^[23], provavelmente em 427–428 a.C.^[24] (no sétimo dia do mês *Thargélión*^[25]), cerca de um ano após a morte do estadista Péricles^[24], e morreu em 348 a.C.^[24] (no primeiro ano da 108ª Olimpíada^[26]).

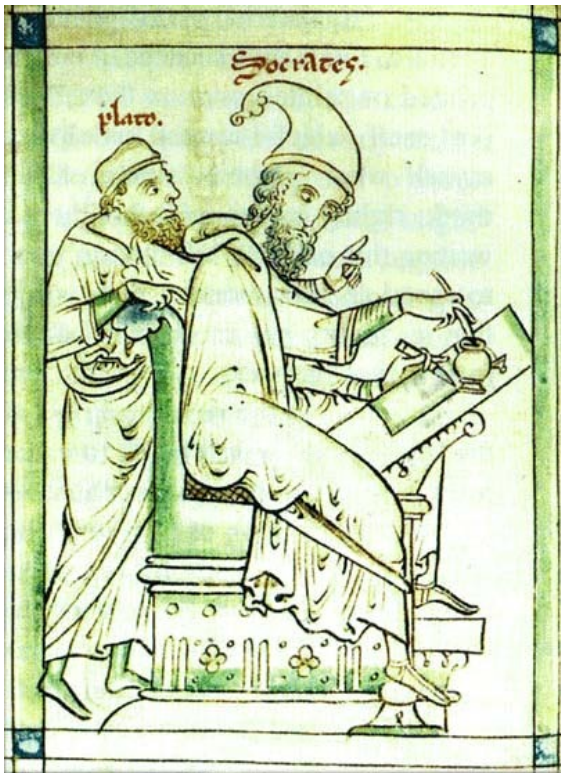
A data tradicional do nascimento de Platão (428/427) é baseada em uma interpretação dúbia de Diógenes Laércio, que afirma: “Quando Sócrates foi embora, Platão se juntou a Crátilo e Hermógenes, que filosofou à maneira de Parmênides. Então, aos vinte e oito anos, segundo Hermodoro, Platão foi para Euclides, em Megara.”^[27] Em sua *Sétima Carta*, Platão observa que a sua idade coincidiu com a tomada do poder pelos Trinta Tiranos, comentando: “Mas um jovem com idade inferior a vinte seria motivo de chacota se tentasse entrar na arena política”. Assim, a data de nascimento de Platão seria 424/423^[27].

De acordo com Diógenes Laércio, o filósofo foi nomeado *Aristocles*, como seu avô, mas seu treinador de luta, Aristão de Argos, o apelidou de *Platon*, que significa “grande”, por conta de sua figura robusta.^[28] De acordo com as fontes mencionadas por Diógenes (todas datam do período alexandrino), Platão derivou seu nome a partir da “amplitude” (*platytês*) de sua eloquência, ou então, porque possuía a fronte (*platýs*) larga.^[29] Estudiosos recentes têm argumentado que a lenda sobre seu nome ser *Aristocles* originou-se no período helenístico.^[30] *Platão* era um nome comum, dos quais 31 casos são conhecidos apenas em Atenas.^[31] A juventude de Platão transcorreu em meio a agitações políticas e a desordens devido à Guerra

do Peloponeso, à instabilidade política reinante na cidade de Atenas que foi tomada pela Oligarquia dos Quatrocentos e assim submeteu-se ao governo dos Trinta Tiranos.^[32]

Apuleio nos informa que Espeusipo elogiou a rapidez mental e a modéstia de Platão como os “primeiros frutos de sua juventude infundidos com muito trabalho e amor ao estudo”.^[33] Platão deve ter sido instruído em gramática, música e ginástica pelos professores mais ilustres do seu tempo.^[34] Dicearco foi mais longe a ponto de dizer que Platão lutou nos jogos de Jogos Ístmicos.^[35] Platão também tinha frequentado cursos de filosofia, antes de conhecer Sócrates, mas primeiro ele se familiarizou com Crátilo (um discípulo de Heráclito, um proeminente filósofo grego pré-socrático) e as doutrinas de Heráclito.^[36]

4.1.3 Afastamento da política e primeira viagem



A execução de Sócrates em 399 abalou Platão profundamente, ele avaliou essa ação do Estado como uma depravação moral e evidência de um sistema político defeituoso. Platão e Sócrates, representação medieval

Após o término da guerra em Atenas, em cerca de 404 a.C, auxiliado pelo reinado espartano vitorioso, o terror da Tirania dos Trinta começou, e entre seus membros, incluía-se parentes de Platão: o primo e o irmão de sua mãe, Crítias e Cármides, que participaram do governo.^[32] Platão foi convidado a participar da vida política, mas recusou porque considerou o então regime criminoso.^[37] Mas, a situação política após a restauração

da democracia ateniense em 403 também o desagradou, sendo um ponto de viragem na vida de Platão, a execução de Sócrates em 399 a.C, que o abalou profundamente, levando-o a avaliar a ação do Estado contra seu professor, como uma expressão de depravação moral e evidência de um defeito fundamental no sistema político. Ele viu em Atenas a possibilidade e a necessidade de uma maior participação filosófica na vida política e tornou-se um crítico agudo. Essas experiências levaram-no a aprovar a demanda por um estado governado por filósofos.^[38]

Depois de 399 a.C, Platão foi para Megara com alguns outros socráticos, como hóspedes de Euclides (provavelmente para evitar possíveis perseguições que lhe poderiam sobrevir pelo fato de ter feito parte do círculo socrático). Diógenes Laércio conta que ele “foi a Cirene, juntar-se a Teodoro, o matemático, depois à Itália, com os pitagóricos Filolau e Eurito; e daí para o Egito, avistar-se com os profetas; ele tinha decidido encontrar-se também com os magos, mas as guerras da Ásia o fizeram renunciar a isso”.^[39] Apesar desse relato de Diógenes Laércio, é posto em dúvida se Platão foi mesmo ao Egito, pois há evidências de que a estadia foi inventada no Egito, para aproximar Platão à tradição de sabedoria egípcia.^{[40][41]}

4.1.4 Primeira viagem à Sicília


Por volta de 388 a.C, Platão empreendeu sua primeira viagem a Sicília.^[42] Em Taranto, Platão conheceu os pitagóricos, e o mais proeminente e politicamente bem sucedido entre eles, o estadista Arquitas, que o hospedou e protegeu. A mais famosa fonte da história do resgate de Platão por Arquitas está na *Sétima Carta*, onde Platão descreve seu envolvimento nos incidentes de seu amigo Dion de Siracusa e Dionísio I, o tirano de Siracusa.^[43] Platão esperava influenciar o tirano sobre o ideal do rei-filósofo (exposto em *Górgias*, anterior à sua viagem), mas logo entrou em conflito com o tirano e sua corte; mas mesmo assim cultivou grande amizade com Díon^[44], parente do tirano, a quem pensou que este pudesse ser um discípulo capaz de se tornar um rei-filósofo.^[45] Dionísio I se irritou tanto com Platão a ponto de vendê-lo como escravo^[nota 3] a um embaixador espartano de Egina, felizmente tendo sido resgatado por Anicérides de Cirene, que estava em Egina^[46], ou ainda, o navio em que retornava foi capturado por espartanos o que o fez ser mantido como um escravo.^[47]

Este relatos sobre a primeira estadia em Siracusa são, em grande parte, controversos: os historiadores tradicionais consideraram assim os detalhes do encontro entre Platão e o tirano, e a posterior ruptura com ceticismo.^{[48][49]} Em todo caso, Platão teve contato com Dionísio e o resultado foi desfavorável para o filósofo já que sua sinceridade parece ter irritado o governante.^[50]



A Academia de Platão em Atenas
Mosaico em Pompéia, ca. século I

4.1.5 Fundação da escola e ensino

 Ver artigo principal: Academia de Platão

Depois de sua primeira viagem à Sicília, por volta de 388 a.C, aos 40 anos, decepcionado com o luxo e os costumes da corte de Dionísio I de Siracusa e de lá é expulso, Platão compra um ginásio perto de Colona, a nordeste de Atenas, nas vizinhanças de um bosque de oliveiras em homenagem ao herói *Academo*. Ele amplia a propriedade e constrói alojamentos para os estudantes.^[42]

Os membros da Academia não eram estudantes no sentido moderno da palavra, pois aos jovens, juntavam-se também anciãos; provavelmente todos deviam contribuir para o financiamento das despesas; ademais, o objetivo último da Academia era o saber pelo seu valor ético-político.^[51]

Durante duas décadas, Platão assumiu suas funções na Academia e escreveu, nesse período, os diálogos chamados “da maturidade”: *Fédon*, *Fedro*, *Banquete*, *Menexêno*, *Eutidemo*, *Crátilo*; começou também a redação de *A República*.^[52]

4.1.6 Segunda viagem à Sicília

Em 366/367 a.C, com a morte de Dionísio e encorajado por Dion, Platão transmite a direção da Academia a Eudóxio e retorna à Sicília.^[52] O velho Dionísio morreu em 367, logo após ter sabido que sua peça *O Resgate de Heitor*, tinha recebido o primeiro prêmio no Festival das Lenaias em Atenas. Seu filho, Dionísio II sucedeu-lhe o trono e Dion era seu conselheiro. Dion teve trabalho em convencer Platão a voltar para Siracusa, ele insistiu com argumentos como a paixão do jovem tirano pela filosofia

e educação e que a morte do velho tirano poderiam ser o “destino divino” necessário para que enfim se realizasse a felicidade de um povo livre sob boas leis. Platão por fim, embarcou em 366, para sua segunda viagem à Sicília.^[53]

No início a influência de Platão sobre Dionísio II teve algum progresso, mas pouco durou, pois o jovem era um pouco rude e não possuía o vigor mental para aguentar um prolongado tratamento educacional, além de ser, pessoalmente desagradável. Inveioso da influência de Dion e de sua amizade com Platão, o obrigou a se exiliar; Platão então regressou a Atenas.^[54]

4.1.7 Terceira viagem à Sicília

Em 361 a.C, Platão viaja novamente para Siracusa com seus alunos Espeusipo e Xenócrates em um navio enviado por Dionísio II,^[55] numa tentativa final de pôr ordem as coisas. Passou quase um ano tentando elaborar algumas medidas práticas para unir os gregos da Sicília em face do perigo cartaginês. No final, a má vontade da facção conservadora provou ser um obstáculo insuperável.^[56] Platão conseguiu partir para Atenas em 360 a.C, não sem antes correr algum perigo de morte. Em seguida, Dion recuperou sua posição à força, mas apesar de advertências de Platão, mostrou-se um governante imprudente e acabou assassinado. Ainda assim, Platão incitou os seguidores de Dion a prosseguirem com a antiga política, mas os seus conselhos não foram ouvidos. O destino final da Sicília foi ser conquistada pelos estrangeiros, como Platão previra.^[24]

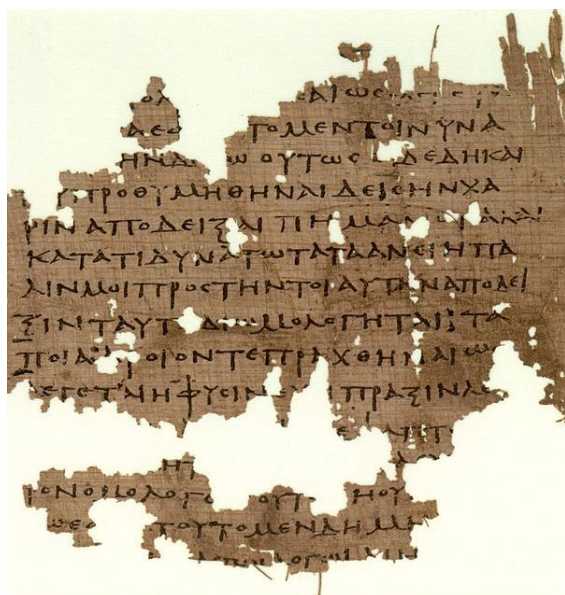
Platão escreveu sobre a morte de seu amigo comparando-o a um navegante que antecipa corretamente uma tempestade mas subestima sua força de destruição: “que eram perversos os homens que o puseram por terra, ele sabia, mas não a extensão de sua ignorância, de sua depravação e avidez”^{[24][57]}

4.1.8 Velhice e morte

Ao regressar em 360 a.C, Platão voltou a ensinar e escrever na Academia permanecendo como um autor ativo até a sua morte,^[24] em 348/347 a.C., aos oitenta anos de idade;^[32] conta-se que fora sepultado no terreno da Academia, para dentro do muro de demarcação da propriedade,^[58] ou ainda no jardim da Academia.^[59] Com sua morte, a Academia passou a ser dirigida por Espeusipo, forte simpatizante do aspecto matemático da filosofia de Platão.^[24]

4.2 Obra

Houve um período na Idade Média em que quase todas as suas obras eram desconhecidas; mas, antes disso e depois da redescoberta de seus textos (Petrarca, no século XIV,



Parte de P.Oxy. LII 3679, com trecho da República, de Platão.

tinha um manuscrito de Platão), Platão foi lido e tomado como ponto de referência.^[60]

4.2.1 Tradição e autenticidade

Todas as obras de Platão que eram conhecidas na antiguidade foram preservadas, com exceção da palestra sobre o bem, a partir do qual houve um pós-escrito de Aristóteles, que se encontra perdido. Há também obras que foram distribuídas sob o nome de Platão, mas possivelmente ou definitivamente não são genuínas; apesar disso, elas também pertencem ao *Corpus Platonicum* (o conjunto das obras tradicionalmente atribuída a Platão), mesmo com sua falsidade sendo reconhecida mesmo nos tempos antigos. Um total de 47 obras são reconhecidas por terem sido escritas por Platão ou para o qual ele tomado como o autor.^[61]

O *Corpus platonicum* é constituído de diálogos (incluindo *Crítias*, de final inacabado), a *Apologia de Sócrates*, uma coleção de 13 cartas^[60] e uma coleção de definições, o *Horoí*. Fora do *corpus*, há uma coleção de *dieresis*, mais duas cartas, 32 epigramas e um fragmento de poema (7 hexâmetros) que, com exceção de uma parte desses poemas, não são obras de Platão.^[62]

É importante notar que na Antiguidade, vários diálogos considerados como falsamente atribuídos a Platão eram considerados genuínos, e alguns desses fazem parte do *Canon* de Trásilo, um filósofo e astrólogo alexandrino que serviu na corte de Tibério. Trásilo organizou os Diálogos de modo sistemático em nove grupos, chamados de Tetralogias,^[63] cujos escritos foram aceitos como sendo de Platão.^[64] Segundo Diógenes Laércio (III, 61), se encontravam na nona tetralogia “uma carta a Aristodemo [de fato a Aristodoro]” (X), duas a Arquitas (IX, XII),

quatro a Dionísio II (I, II, III, IV), uma a Hérmiás, Erastos e Coriscos (VI), uma a Leodamas (XI), uma a Dion (IV), uma a Perdicas (V) e duas aos parentes de Dion (VII, VIII)”.^[65] Trásilo criou a seguinte organização:^[66]

4.2.2 Forma literária

Com a exceção das *Epístolas* e da *Apologia*, todas as outras obras não foram escritas em forma de poemas didáticos ou tratados - como eram escritos a maioria dos escritos filosóficos, - mas em forma de diálogos. A *Apologia* contém passagens ocasionais de diálogos, onde há um personagem principal, Sócrates, e diferentes interlocutores em debates filosóficos separados por inserções e discursos indiretos, digressões ou passagens mitológicas. Além disso, outros alunos de Sócrates como Xenofonte, Ésquines, Antístenes, Euclides de Megara e Fédon de Elis têm obras escritas na forma de diálogo socrático (Σωκρατικοὶ λόγοι *Sokratikoi logoi*).^[67]

Platão foi certamente o representante máximo desse gênero literário, superior a todos os outros e, mesmo, o único representante, pois apenas em seus escritos é que se pode reconhecer a natureza autêntica do filosofar socrático, que nos outros escritores, degenerou em maneirismos.^[40]; sendo assim, o diálogo, em Platão, é mais do que um gênero literário: é sua forma de fazer filosofia.^[68] Nem todos os trabalhos no *Corpus* de Platão são diálogos. A *Apologia* parece ser o relato da defesa de Sócrates e seu julgamento, e *Menêxeno* é um pronunciamento para funeral. As treze cartas são ditas serem de Platão, mas a maioria são rejeitadas pelos pesquisadores modernos como sendo ilegítimas. A *Sétima Carta* ou *Carta VII* é uma das mais importantes cuja disputa permanece por dois motivos: (a) oferece detalhes biográficos de Platão e (b) coloca afirmações filosóficas sem paralelos em outros diálogos. Provavelmente a *Sétima Carta* é uma obra ilegítima e portanto não é uma fonte confiável para conhecer a biografia e filosofia de Platão.^[49]

4.2.3 Cronologia

A questão da cronologia ainda continua a gerar opiniões conflitantes. Análises estilométricas^[69] dos diálogos demonstram que eles podem ser agrupados em três categorias definidas como obras do período Inicial, Médio e Tardio, embora exista este consenso comum, não há nenhum consenso sobre a ordem em que as obras devem figurar em seus respectivos grupos. Outro método usado para determinar a ordem cronológica dos diálogos se baseia na conexão entre os vários trabalhos. Os estudiosos têm usado a evidência de pontos de vista filosóficos similares nos diálogos para sugerir uma ordem cronológica interna. As referências textuais dentro dos diálogos também ajudam a construir uma cronologia, ainda que existam pouquíssimos casos de um diálogo se referir a outro. Finalmente, a cronologia pode ser determinada a partir

do testemunho de fontes antigas.^[70]

4.3 Filosofia

Para Giovanni Reale, os três grandes pontos focais da filosofia de Platão são: a *Teoria das Idéias*, dos *Princípios* e do *Demiurgo*. A obra *Fédon* engloba todo o quadro da metafísica platônica e enfatiza essas três teorias, mas Platão advertiu os leitores de sua obra sobre a dificuldade existente em compreendê-las.^[71]

Política

Platão, em sua obra *A República*, faz uma crítica a forma de governo de sua época, pois afirma que os governantes deveriam brigar para não governar, como brigam para chegar ao poder. Diz, ainda, que o verdadeiro chefe não nasce para atender os interesses de si próprio, mas sim de toda a coletividade a ele subordinada.

Dessa forma, entende-se que a crítica de Platão estava ligada ao governo que criava leis visando seus interesses, e os determinando como justo, entretanto, punindo como injusto aquele que transgredir suas regras, uma vez que o elegido para governar poderia ser o mais votado, mas não sendo, portanto, o mais preparado para aquela função.

Nesse sentido, Platão afirma que "Efetivamente, arriscar-nos-íamos, se houvesse um Estado de homens de bem, a que houvesse competições para não governar, como agora as há para alcançar o poder, e tornar-se-ia, então evidente do verdadeiro chefe não nasceu para velar pela sua conveniência, mas pela dos seus subordinados. (Platão, *A República*, p. 34)".^[72]


Conclui-se que, deve se buscar uma harmonia entre o governante e o seus subordinados, em outras palavras, o ideal de Estado deveria corresponder ao ideal de homem.

4.3.1 Teoria das Ideias

 Ver: Teoria das ideias e Alegoria da caverna

A *Teoria das Ideias* ou *Teoria das Formas* afirma que formas (ou ideias) abstratas não-materiais (mas substanciais e imutáveis) é que possuem o tipo mais alto e mais fundamental da realidade e não o mundo material mutável conhecido por nós através dos sentidos.^[73] Em uma analogia de Reale, as coisas que captamos com os "olhos do corpo" são formas físicas, as coisas que captamos com os "olhos da alma" são as formas não-físicas;^[74] o ver da inteligência capta formas inteligíveis que são as essências puras. As Ideias são as essências eternas do bem, do belo etc. Para Platão, há uma conexão metafísica entre a visão do olho da alma e o objeto em razão do qual tal visão não existe.^[75] Este "mais real do que o que vemos habitualmente" é descrito em sua *Alegoria da caverna*.^[76]

4.3.2 Epistemologia

 Ver artigo principal: Epistemologia platônica

Muitos têm interpretado que Platão afirma — e mesmo foi o primeiro a escrever — que conhecimento é crença verdadeira justificada, uma visão influente que informou o desenvolvimentos futuro da epistemologia.^[77] Esta interpretação é parcialmente baseada na uma leitura do *Teeteto*, no qual Platão argumenta que o conhecimento se distingue da mera crença verdadeira porque o conhecedor deve ter uma "conta" do objeto de sua crença verdadeira (*Teeteto* 201C-d).Essa mesma teoria pode novamente ser vista no *Mênon*, onde é sugerido que a crença verdadeira pode ser aumentada para o nível de conhecimento, se está ligada a uma conta quanto à questão do "por que" o objeto da verdadeira crença é assim definido (*Mênon* 97d-98a).^[78] Muitos anos depois, Edmund Gettier demonstraria os problemas das crenças verdadeiras justificadas no contexto do conhecimento.^{[79][80]}

4.3.3 Dialética

A dialética de Platão não é um método simples e linear, mas um conjunto de procedimentos, conhecimentos e comportamentos desenvolvidos sempre em relação a determinados problemas ou "conteúdos" filosóficos.^[81] O papel da dialética no pensamento de Platão é contestada, mas existem duas interpretações principais: a dialética platônica é tipo de raciocínio ou um método de intuição.^[82] Simon Blackburn adota o primeiro, dizendo que a dialética de Platão é "o processo de extrair a verdade por meio de perguntas destinadas a abrir o que já é implicitamente conhecida, ou de expor as contradições e confusões de posição de um oponente".^[83] Karl Popper afirma que a dialética é a arte da intuição para "visualizar os originais divinos, as formas ou ideias, de desvendar o grande mistério por trás do comum mundo das aparências do cotidiano do homem."^[84]

4.3.4 Ética e justiça

Na *República*, Platão define a justiça como a vontade de um cidadão de exercer sua profissão e atingir seu nível pré-determinado e não interferir em outros assuntos,^[85] Para que a justiça tenha alguma validade, ela terá que ser uma virtude e, portanto, contribuidora de modo constitutivo para a boa vida de quem é justo.^[86]

Na filosofia de Platão, é possível visualizar duas modalidades de justiça: uma, absoluta, e outra, relativa. A justiça relativa é a justiça humana que espelha-se nos princípios da alma e tenta dela se aproximar.^[87] Platão situa a justiça humana como uma virtude indispensável à vida em comunidade, é ela que propicia a convivência harmônica e cooperativa entre os seres humanos em

coletividade.^[88]

4.3.5 Conceitos

Anima mundi

 Ver: Anima mundi

Considerada por Platão como o princípio do cosmos e fonte de todas as almas individuais,^[89] o termo é um conceito cosmológico de uma alma compartilhada ou força regente do universo pela qual o pensamento divino pode se manifestar em leis que afetam a matéria. O termo foi criado por Platão pela primeira vez na obra *República*^[90] ou ainda na obra *Timeu*.^[91]

Demiurgo

 Ver: Demiurgo

O uso filosófico e o substantivo próprio derivam do diálogo *Timeu*,^[92] a causa do universo^[93], de acordo com a exigência de que tudo que sofre transformação ou geração (*genesis*) sofre-a em virtude de uma causa.^[93] A meta perseguida pelo demiurgo platônico é o bem do universo que ele tenta construir^[94]. Este bem é recorrentemente descrito em termos de ordem,^[95] Platão descreve o demiurgo como uma figura neutra (não-dualista), indiferente ao bem ou ao mal.^[96]

4.4 Legado

Apesar de sua popularidade ter flutuado ao longo dos anos, as obras de Platão nunca ficaram sem leitores, desde o tempo em que foram escritas.^[97] O pensamento de Platão é muitas vezes comparado com a de seu aluno mais famoso, Aristóteles, cuja reputação, durante a Idade Média ocidental, eclipsou tão completamente a reputação de Platão que os filósofos escolásticos referiam-se a Aristóteles como “o Filósofo”. No entanto, no Império Bizantino, o estudo de Platão continuou.

Os filósofos escolásticos medievais não tinham acesso à maioria das obras de Platão, nem o conhecimento de grego necessário para lê-los. Os escritos originais de Platão estavam essencialmente perdidos para a civilização ocidental, até que foram trazidos de Constantinopla no século de sua queda, por Gemisto Pletão. Acredita-se que Pletão passou uma cópia dos diálogos platônicos para Cosme de Médici em 1438/39 durante o Conselho de Ferrara,^[98] quando foi chamado para unificar as Igrejas grega e latina e então foi transferido para Florença onde fez uma palestra sobre a relação e as diferenças de Platão e Aristóteles; assim, Pletão teria influenciado Cosme com seu entusiasmo.^[99]

Durante a Era de Ouro Islâmica, estudiosos persas e árabes traduziram muito de Platão para o árabe e escreveram comentários e interpretações sobre Platão, Aristóteles e obras de outros filósofos Platonistas (ver Al-Farabi, Avicena, Averróis, Hunayn ibn Ishaq). Muitos desses comentários sobre Platão foram traduzidos do árabe para o latim e, como tal, influenciaram filósofos escolásticos medievais.^[100]

Filósofos ocidentais notáveis continuaram a recorrer a obra de Platão desde aquela época. A influência de Platão tem sido especialmente forte em matemática e ciências. Ele ajudou a fazer a distinção entre a matemática pura e a matemática aplicada, ampliando o fosso entre a “aritmética”, agora chamada de teoria dos números e “logística”, agora chamada de aritmética. Ele considerou a logística como apropriada para homens de negócios, enquanto os homens de guerra “devem aprender a arte de números ou ele não vai saber como reunir suas tropas”, e a aritmética era apropriada para os filósofos “porque precisa emergir do mar de mudanças e lançar mão do verdadeiro ser”.^[101]

Segundo Stephen Körner, o platonismo é “tendência natural do matemático”, o que pode ser confirmado por nomes destacados de matemáticos que se reconhecem platônicos como Gottlob Frege, Bertrand Russell, A. N. Whitehead, Heinrich Scholz, Kurt Gödel, Alonzo Church, Georg Cantor etc. Partindo de Galileu, existe uma extensa tradição do platonismo fiscalista que vai até Werner Heisenberg, Roger Penrose, Frank Tipler, Stephen Hawking e muitos outros.^[102]

Gödel, responsável por alguns dos mais importantes resultados da lógica matemática do século XX, por exemplo, foi um platonista da velha escola que, como Platão, acreditava na existência independente de formas matemáticas que ele identificou aos conceitos matemáticos, como os de conjuntos, número real etc.^[103]

Leo Strauss é considerado por alguns como o principal pensador envolvido na recuperação do pensamento platônico em sua forma mais política e menos metafísica. Profundamente influenciado por Nietzsche e Heidegger, Strauss, no entanto, rejeita a condenação de Platão e olha para seus diálogos como uma solução para o que todos os três pensadores reconhecem como “a crise do Ocidente”.^[104] Ele também era contra a disseminação maciça do conhecimento baseando-se em Platão, já que as pessoas não tendo a vocação para lidar com a verdade, apoiariam propostas antiéticas.^[105]

Hobbes considerou Platão como o melhor filósofo da Antiguidade clássica, pela razão de sua filosofia ter como ponto de partida ideias, enquanto que Aristóteles partia de palavras. Para Hobbes, Platão estaria apto a elaborar uma filosofia política por evitar conclusões falaciosas acerca do “o que é”, “o que foi”, “o que deveria ser”.^{[106][107]}

No século XX, os metafísicos René Guénon e Frithjof Schuon, foram dois influentes autores que re-elaboraram e atualizaram em linguagem contemporânea o pensa-

mento universal e perene de Platão, por eles visto como um eminente representante da **Filosofia Perene**. Nos livros de ambos, como em *A Crise do Mundo Moderno e O Reino da Quantidade*, de Guénon, e *A Unidade Transcendente das Religiões*^[108], *Forma e Substância nas Religiões*^[109] e *O Homem no Universo*, de Schuon, as ideias de Platão são expostas e discutidas em profundidade.

4.5 Notas

- [1] Diógenes Laércio menciona que Platão “nasceu, segundo alguns escritores, em Egina, na casa de Fidíades, filho de Tales”. Diógenes menciona como uma de suas fontes a *História Universal* de Favorino. De acordo com Favorino, Aristão, pai de Platão, e sua família, foram enviados por Atenas para fixarem-se como clerúquios (colonos mantendo sua cidadania ateniense) na ilha de Egina, de onde foram expulsos pelos espartanos após Platão nascer lá.^[2] Nails indica, no entanto, que não há registro de qualquer expulsão de atenienses de Aegina por parte dos espartanos entre 431 e 411 a.C.^[3] Por outro lado, no Tratado de Nicias, Egina foi silenciosamente deixada sob o controle de Atenas, e não foi até o verão de 411 a.C. que os espartanos invadiram a ilha. Egina é considerada como o local de nascimento de Platão também segunda a *Suda*.^[4]
- [2] O gramático Apolodoro de Atenas argumenta, nas suas *Crônicas*, que Platão nasceu no primeiro ano da 88ª Olimpíada (427 a.C.), no sétimo dia do mês de Targélio; de acordo com esta tradição, o deus Apolo teria nascido neste dia.^[5] De acordo com outro biógrafo seu, Neantes, Platão teria 84 anos de idade ao morrer.^[6] De acordo com a versão de Neantes, Platão era seis anos mais novo que Sócrates, e teria portanto nascido no segundo ano da 87ª Olimpíada, ano da morte de Péricles (429 a.C.).^[6] De acordo com a *Suda*, Platão teria nascido em Egina, na 88ª Olimpíada, em meio à fase preliminar da Guerra do Peloponeso, e teria vivido 82 anos.^[4] Para o estudioso inglês do século XVI, *sir* Thomas Browne, Platão teria nascido de fato na 88ª Olimpíada;^[7] o célebre platonista do Renascimento celebrava o nascimento de Platão no dia 7 de novembro.^[8] Já para o filólogo alemão Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff, Platão teria nascido quando Diótimos era arconte epônimo, mais especificamente entre 29 de julho de 428 a.C. e 24 de julho de 427 a.C.^[9] O filólogo grego acredita que o filósofo teria nascido em 26 ou 27 de maio de 427 a.C., enquanto o filósofo britânico Jonathan Barnes estipula 428 a.C. como o ano de nascimento de Platão.^[10] Já a filósofa americana Debra Nails alega que Platão teria nascido em 424/423 a.C.^[8]
- [3] Ou fora forçado a desembarcar em Egina que se encontrava em Guerra com Atenas e Platão tenha sido detido como escravo

4.6 Referências

- [1] Diógenes Laércio 3.4; p. 21, David Sedley, *Plato's Cratylus*, Cambridge University Press 2003. (em inglês)

- [2] Diógenes Laércio, *Vida de Platão*, III
- [3] D. Nails, “Ariston”, 54 (em inglês)
- [4] «Plato». *Suda*
- [5] Diógenes Laércio, *Vida de Platão*, II
- [6] F.W. Nietzsche, *Werke*, 32 (em alemão)
- [7] T. Browne, *Pseudodoxia Epidemica*, XII (em inglês)
- [8] D. Nails, *The Life of Plato of Athens*, 1 (em inglês)
- [9] U. von Wilamowitz-Moellendorff, *Plato*, 46
- [10] «Plato». *Encyclopaedia Britannica*. 2002 (em inglês)
- [11] Diógenes Laércio, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Livro III, *Vida de Platão*, 5
- [12] Sharma, R. N. (1991). *Plato: An Interdisciplinary Perspective*. [S.l.]: Atlantic Publishers & Distributors. pp. 163–164 Parâmetro desconhecido |www= ignorado (ajuda)
- [13] Diógenes Laércio, *Vida de Platão*, I
- [14] W. K. C. Guthrie, *A History of Greek Philosophy*, IV, 10
* A.E. Taylor, *Plato*, xiv (em inglês)
* U. von Wilamowitz-Moellendorff, *Plato*, 47
- [15] Plato, *Republic*, 2.368a
* U. von Wilamowitz-Moellendorff, *Plato*, 47
- [16] Xenofonte, *Memorabilia*, 3.6.1 (em inglês)
- [17] Neel Burton. *O Mundo de Platão*. Pensamento; 2013. ISBN 978-85-316-1250-3. p. 38.
- [18] D. Nails, “Ariston”, 53 (em inglês)
* A.E. Taylor, *Plato*, xiv (em inglês)
- [19] Platão, *Cármides*, 158a
* D. Nails, “Perictione”, 53 (em inglês)
- [20] Plato, *Cármides*, 158a
* Plutarch, *Pericles*, IV
- [21] W. K. C. Guthrie, *A History of Greek Philosophy*, IV, 11 (em inglês)
- [22] C.H. Kahn, *Plato and the Socratic Dialogue*, 186< (em inglês)
- [23] Diógenes Laércio, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Livro III, *Vida de Platão*, 1
- [24] Bertrand Russell; Laura Alves (2004). *História do Pensamento Ocidental*. [S.l.]: Ediouro Publicações. pp. 85–. ISBN 978-85-00-01355-3
- [25] Apolodoro, citado por Diógenes Laércio, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Livro III, *Vida de Platão*, 2
- [26] *Hermippus*, citado por Diógenes Laércio, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Livro III, *Vida de Platão*, 2
- [27] Debra Nails (2002). *The people of Plato: a prosopography of Plato and other Socratics*. [S.l.]: Hackett Publishing. p. 247. ISBN 978-1-60384-403-1 (em inglês)

- [28] Diógenes Laércio, *Vida de Platão*, IV
- [29] Diógenes Laércio, *Vida de Platão*, IV
* A. Notopoulos, *The Name of Plato*, 135
- [30] Leonardo Taran (2001). *Collected Papers, 1962-1999*. [S.l.]: BRILL. pp. 60 – 61. ISBN 978-90-04-12304-5
- [31] W. K. C. Guthrie; William Keith Chambers Guthrie (24 April 1986). *A History of Greek Philosophy: Volume 4, Plato: The Man and His Dialogues: Earlier Period*. [S.l.]: Cambridge University Press. p. 12. ISBN 978-0-521-31101-4 Verifique data em: |data= (ajuda) (em inglês)
- [32] Jayme Paviani. *As fontes do humanismo latino: da antiguidade à renascença*. [S.l.]: EDIPUCRS. p. 53. ISBN 978-85-7430-401-4
- [33] Apuleio, *de Dogmate Platonis*, 2
- [34] Diógenes Laércio, *Vida de Platão*, IV
* W. Smith, *Plato*, 393
- [35] Diógenes Laércio, *Vida de Platão*, V
- [36] Aristóteles, *Metaphysics*, 1.987a
- [37] Platão, *Sétima Carta*, 324d–325a.
- [38] Platão, *Sétima Carta*, 325b–326b.
- [39] Diógenes Laércio, III, 6-7
- [40] “Das viagens a Cirene e ao Egito, não temos confirmação na *Sétima Carta*, enquanto sabemos com certeza da viagem à Itália, em 399 a.C. e em torno aos quarenta anos, e das viagens sucessivas.” REALE, Giovanni. *História da filosofia grega e romana - Platão*. [S.l.]: LOYOLA. p. 8. ISBN 978-85-15-03304-1
- [41] W. K. C. Guthrie (1975). *A History of Greek Philosophy. IV, Plato: The Man and His Dialogues : Earlier Period*. [S.l.]: Cambridge University Press. pp. 14–16. ISBN 978-0-521-20002-8
- [42] JAYME PAVIANI (2008). *Platão & a Educação*. [S.l.]: Distribuidora Autentica LTDA. p. 87. ISBN 978-85-65381-95-6
- [43] Carl Huffman (23 May 2005). *Archytas of Tarentum: Pythagorean, Philosopher and Mathematician King*. [S.l.]: Cambridge University Press. p. 3. ISBN 978-1-139-44407-1 Verifique data em: |data= (ajuda) (em inglês)
- [44] “O espetáculo da luxúria e da desordem que reinava nas cidades gregas reforça suas convicções, que ele conseguiu compartilhar com um jovem importante, Dion, cunhado de Dionísio II, o tirano de Siracusa.” PEIXOTO, Miriam Campolina Diniz. *Filosofia e política*. [S.l.]: LOYOLA. p. 31. ISBN 978-85-15-02935-8
- [45] REALE, Giovanni. *História da filosofia grega e romana - Platão*. [S.l.]: LOYOLA. p. 8. ISBN 978-85-15-03304-1
- [46] Diógenes Laércio, III, 20
- [47] Eine Zusammenstellung der Quellenzeugnisse und gründliche Untersuchung bietet Konrad Gaiser: *Der Ruhm des Annikeris*. In: Konrad Gaiser: *Gesammelte Schriften*, Sankt Augustin 2004, S. 597–616. Siehe auch Hermann Breitenbach, *Platon und Dion*, Zürich 1960, S. 15 f. (em alemão); Helmut Berve: *Dion*, Wiesbaden 1957, S. 760; Karl Friedrich Stroheker: *Dionysios I. Gestalt und Geschichte des Tyrannen von Syrakus*, Wiesbaden 1958, S. 105 (em alemão); William K. C. Guthrie: *A History of Greek Philosophy*, Bd. 4, Cambridge 1975, S. 18 f.; Michael Erler: *Platon*, Basel 2007, S. 50 f.; Alice Swift Riginos: *Platonica*, Leiden 1976, S. 86–92. (em inglês)
- [48] Karl Friedrich Stroheker, *Dionysios I. Gestalt und Geschichte des Tyrannen von Syrakus*, Wiesbaden 1958, S. 100–105 (em alemão); Helmut Berve, *Dion*, Wiesbaden 1957, S. 19 f. (em alemão); Kai Trampedach, *Platon, die Akademie und die zeitgenössische Politik*, Stuttgart 1994, S. 105. (em alemão)
- [49] Gail Fine (13 August 2008). *The Oxford Handbook of Plato*. [S.l.]: Oxford University Press, USA. p. 64. ISBN 978-0-19-518290-3 Verifique data em: |data= (ajuda) (em inglês)
- [50] Kai Trampedach: *Platon, die Akademie und die zeitgenössische Politik*, Stuttgart 1994, S. 106; Michael Erler: *Platon*, Basel 2007, S. 50; Alice Swift Riginos: *Platonica*, Leiden 1976, S. 74–85. (em alemão)
- [51] Giovanni Reale (2008). *História da filosofia antiga III - Os sistemas da era helenística*. [S.l.]: Loyola. p. 75. ISBN 978-85-15-00848-3
- [52] JAYME PAVIANI. *As fontes do humanismo latino: da antiguidade à renascença*. [S.l.]: EDIPUCRS. p. 54. ISBN 978-85-7430-401-4
- [53] Hugh H. Benson. *Platão*. [S.l.]: Artmed. p. 24. ISBN 978-85-363-2474-6
- [54] Bertrand Russell; Laura Alves (2004). *História do Pensamento Ocident*. [S.l.]: Ediouro Publicações. p. 88. ISBN 978-85-00-01355-3
- [55] Zu diesen Vorgängen siehe Helmut Berve: *Dion*, Wiesbaden 1957, S. 45–47. (em alemão)
- [56] O fato é que não havia união entre os gregos, dividido em numerosas cidades ciosas de sua independência. Editor Gamal Mokhtar (2010). *História Geral da África – Vol. II – África antiga*. [S.l.]: UNESCO. p. 490. ISBN 978-85-7652-124-2
- [57] Platão, *Sétima Carta*, 351 d - e
- [58] *Diálogos*. [S.l.]: Universidade Federal do Pará. 1980. p. 9
- [59] “Foi enterrado no jardim da Academia” JORGE THUMS. *Ética na Educação Filosofia e Valores na Escola*. [S.l.]: Editora da ULBRA. p. 176. ISBN 978-85-7528-082-9
- [60] Bernard Arthur Owen Williams (2000). *Platão*. [S.l.]: Unesp. p. 8. ISBN 978-85-7139-279-3

- [61] Christoph Horn; Jörn Müller; Joachim Roland Söder (2009). *Platon-Handbuch: Leben, Werk, Wirkung*. [S.l.]: Metzler. pp. 19–59. ISBN 978-3-476-02193-9 (em alemão)
- [62] Der Neue Pauly Bd. 9, Stuttgart 2000, Sp. 1097–1100. (em alemão)
- [63] Diógenes Laércio, “A vida dos filósofos”, 3,56,7
- [64] Edward Moore (1 January 2007). *Plato*. [S.l.]: Humanities-Ebooks. p. 46. GGKEY:EGRH91XZFLA Verifique data em: |data= (ajuda) (em inglês)
- [65] Telmo Brentano (2004). *Leituras de Platão*. [S.l.]: EDIPUCRS. p. 23. ISBN 978-85-7430-398-7
- [66] José Maurício de Carvalho (2008). *Estudos de Filosofia Clínica*. [S.l.]: IBPEX. p. 69. ISBN 978-85-7838-056-4
- [67] Gabriele Giannantoni (1990). *Socratis et Socraticorum reliquiae*. [S.l.]: Bibliopolis. ISBN 978-88-7088-215-5 (em italiano)
- [68] Delmar Cardoso (2006). *A alma como centro do filosofar de Platão: uma leitura concêntrica do Fedro à luz da interpretação de Franco Trabattoni*. [S.l.]: Edições Loyola. p. 42. ISBN 978-85-15-03376-8. Consultado em 1 de junho de 2013
- [69] “Não menos se aproximou de um esclarecimento a questão da cronologia relativa dos diálogos graças às investigações com base no estilo(...)” VITTORIO HOSLE. *Interpretar Platão*. [S.l.]: LOYOLA. p. 23. ISBN 978-85-15-03529-8
- [70] Michael Cormack (2006). *Plato's Stepping Stones: Degrees of Moral Virtue*. [S.l.]: Continuum International Publishing Group. p. 8. ISBN 978-1-84714-441-6 (em inglês)
- [71] REALE, Giovanni. *História da filosofia grega e romana - Platão*. [S.l.]: LOYOLA. p. 58. ISBN 978-85-15-03304-1
- [72] Platão, Platão. *A República*. [S.l.: s.n.] 34 páginas
- [73] Jayme Paviani. *Platão & A República*. [S.l.]: Zahar. p. 38. ISBN 978-85-378-0483-4
- [74] “E não é verdade que, enquanto as coisas mutáveis podemos ver, tocá-las ou percebê-las com os outros sentidos corpóreos, aquelas que permanecem imutáveis não possuem outro meio com o qual se podem captar, senão com o puro raciocínio e com a mente, porque estas coisas são invisíveis e não podem ser captadas com a vista?” Platão, *República*, 514a-516c
- [75] REALE, Giovanni. *História da filosofia grega e romana - Platão*. [S.l.]: LOYOLA. p. 61. ISBN 978-85-15-03304-1
- [76] Platão, *República*, 514a-516c
- [77] Fine, G., “Introduction” in *Plato on Knowledge and Forms: Selected Essays* (Oxford University Press, 2003), p. 5.
- [78] McDowell, J., *Plato: Theaetetus* (Oxford University Press, 1973), p. 230.
- [79] Luis Carreto. *Aristóteles para executivos – As repostas da filosofia para a gestão empresarial*. [S.l.]: GLOBO. p. 110. ISBN 978-85-250-4498-3
- [80] Fine, G., “Knowledge and Logos in the *Theaetetus*”, *Philosophical Review*, vol. 88, no. 3 (July, 1979), p. 366. Reprinted in Fine (2003).
- [81] Jayme Paviani (2001). *Filosofia e método em Platão*. [S.l.]: EDIPUCRS. p. 13. ISBN 978-85-7430-234-8
- [82] Blackburn, Simon. 1996. *The Oxford Dictionary of Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, p. 104
- [83] Blackburn, *Oxford Dictionary of Philosophy*, 104
- [84] Popper, K. (1962) *The Open Society and its Enemies*, Volume 1, London, Routledge, p. 133.
- [85] Platão, *República* 433–434.
- [86] Paula Fernandes Lopes. *A ética platônica: modelo de ética da boa vida*. Ed. Loyola; 2005. ISBN 978-85-15-03154-2. p. 52.
- [87] Platão, *República* 144–145 e 276.
- [88] Sérgio Luiz Junkes. *Defensoria Pública e o Princípio da Justiça Social - Atualizado de acordo com a Emenda Constitucional 45, de 31/12/2004*. Jurua Editora; 2005. ISBN 978-85-362-0916-6. p. 23.
- [89] Nicholas Campion (2012). *Astrology and Cosmology in the World's Religions*. [S.l.]: NYU Press. p. 152. ISBN 978-0-8147-0842-2
- [90] T.M. Robinson (January 1995). *A psicologia de Platão*. [S.l.]: Edicoes Loyola. p. 102. ISBN 978-0-8020-7590-1 Verifique data em: |data= (ajuda)
- [91] Saul Fisher (2005). *Pierre Gassendi's Philosophy And Science: Atomism for Empiricists*. [S.l.]: BRILL. p. 250. ISBN 978-90-04-11996-3
- [92] “O conceito de demiurgo origina-se na obra *Timeu* de Platão, onde é apenas um deus criador(...)” Andrew Phillip Smith (2009). *A Dictionary of Gnosticism*. [S.l.]: Quest Books. p. 69. ISBN 978-0-8356-0869-5
- [93] Platão, *Timeu*, 29
- [94] Platão, *Timeu*, 46,68
- [95] “Tudo que é bom é belo, e o que é belo não é isento de medida”, Platão, *Timeu*, 30, 31
- [96] “A filosofia patrística (e depois escolástica) carregou a figura do Demiurgo de valências que não existem no texto platônico(...)” REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão*. [S.l.]: LOYOLA. p. 518. ISBN 978-85-15-01490-3
- [97] John M. Cooper, “Introduction” in *Plato: Complete Works* (Hackett, 1997), p. vii.
- [98] “Ali, Gemisto Pletho realizou as célebres palestras que terminaram com o reinado de Aristóteles na filosofia europeia e entronizaram Platão como quase um deus.” *A Renascença*. Editora Record; ISBN 978-85-01-28825-7. p. 65.

- [99] D. F. Lackner, “The Camaldolese Academy: Ambrogio Traversari, Marsilio Ficino and the Christian Platonic Tradition” in Allen and Rees (eds.), *Marsilio Ficino: His Theology, His Philosophy, His Legacy* (Brill, 2001), p. 24.
- [100] See: Burrell, D., “Platonism in Islamic Philosophy” in the *Routledge Encyclopedia of Philosophy* (Routledge, 1998); D. N. Hasse, “Plato arabico-latinus” in Gersh and Hoenen (eds.), *The Platonic Tradition* (De Gruyter, 2002), pp. 33-45.
- [101] Boyer, Carl B. (1991). «The age of Plato and Aristotle». *A History of Mathematics* Second ed. [S.l.]: John Wiley & Sons, Inc. p. 86. ISBN 0-471-54397-7. Platão é importante na história da matemática, em grande parte por seu papel como inspirador e diretor dos outros, e talvez a ele se deve a distinção nítida na Grécia antiga entre aritmética (no sentido da teoria dos números) e logística (a técnica de computação). Platão considerava a logística, apropriada para o empresário, para o homem da guerra, “tem de aprender a arte de números, ou ele não vai saber como reunir suas tropas.” O filósofo, por outro lado, deve ser um aritmético”, porque ele tem que emergir do mar de mudança e lançar mão do verdadeiro ser.”
- [102] Hans-Dieter Mutschler. *Naturphilosophie*. Edicoes Loyola; 2002. ISBN 978-3-17-016814-5. p. 105.
- [103] Jairo José da Silva. *Filosofias da matemática*. UNESP; 2007. ISBN 978-85-7139-751-4. p. 69.
- [104] Leo Strauss. *Studies in Platonic Political Philosophy*. University of Chicago Press; ISBN 978-0-226-77700-9.
- [105] Leo Strauss’ *Philosophy of Deception*
- [106] Strauss, 1936, p. 139-141
- [107] Lier Pires Ferreira; Vladimir Lombardo Jorge; Ricardo Guanabara. *Curso de Ciencia Política - Grandes Autores*. CAMPUS; 2008. ISBN 978-85-352-3161-8. p. 69.
- [108] São Paulo: IRGET, 2012.
- [109] São José dos Campos: Sapientia, 2010.
- Bento Silva Santos (1999). *A imortalidade de alma no Fédon de Platão: coerência e legitimidade do argumento final (102a-107b)*. [S.l.]: EDIPUCRS. ISBN 978-85-7430-040-5
 - Jayme Paviani (2001). *Filosofia e método em Platão*. [S.l.]: EDIPUCRS. ISBN 978-85-7430-234-8
 - José Ferrater Mora (2001). *Dicionário de filosofia. 4. (Q - Z)*. [S.l.]: Loyola. ISBN 978-85-15-02004-1
 - REALE, Giovanni. *História da filosofia grega e romana - Platão*. [S.l.]: Loyola. ISBN 978-85-15-03304-1

Em inglês

4.6.1 Bibliografia

Em português

- Bryan Magee (1999). *Historia da Filosofia*. [S.l.]: Loyola. p. 24. ISBN 978-85-15-01929-8
- Bernard Arthur Owen Williams (2000). *Platão*. [S.l.]: Unesp. ISBN 978-85-7139-279-3
- Hare, R. M. *Platão*. [S.l.]: Loyola. ISBN 978-85-15-02064-5
- Hugh H. Benson. *Platão*. [S.l.]: Artmed. ISBN 978-85-363-2474-6
- GOLDSCHMIDT, Victor (2002). *Diálogos de Platão (Os)*. [S.l.]: Loyola. ISBN 978-85-15-02161-1


- Browne, Sir Thomas (1646-1672). *Pseudodoxia Epidemica*. [S.l.: s.n.] Parâmetro desconhecido lunused_data= ignorado (ajuda); Ligação externa em título= (ajuda)
- Guthrie, W.K.C. (1986). *A History of Greek Philosophy: Volume 4, Plato: The Man and His Dialogues: Earlier Period*. [S.l.]: Cambridge University Press. ISBN 0-521-31101-2
- Kahn, Charles H. (2004). «The Framework». *Plato and the socratic dialogue: The Philosophical Use of a Literary Form*. [S.l.]: Cambridge University Press. ISBN 0-521-64830-0
- Nails, Debra (2006). «The Life of Plato of Athens». In: Hugh H. Benson. *A Companion to Plato*. [S.l.]: Blackwell Publishing. ISBN 1-405-11521-1
- Nails, Debra (2002). «Ariston/Perictione». *The People of Plato: A Prosopography of Plato and Other Socratics*. [S.l.]: Hackett Publishing. ISBN 0-872-20564-9
- Nietzsche, Friedrich Wilhelm (1967). «Vorlesungsaufzeichnungen». *Werke: Kritische Gesamtausgabe* (em alemão). [S.l.]: Walter de Gruyter. ISBN 3-110-13912-X
- Notopoulos, A. (abril de 1939). «The Name of Plato». The University of Chicago Press. *Classical Philology*. **34** (2): 135–145. doi:10.1086/362227
- «Plato». *Encyclopaedia Britannica*. 2002
- «Plato». *Encyclopaedic Dictionary The Helios Volume XVI (in Greek)*. 1952
- «Plato». *Suda*. século X

4.7 Ligações externas

- Acervo Digital da UNESP - Platão
- ✕ Não é da autoria de Platão segundo a maioria dos estudiosos
- † Não é geralmente aceito pelos estudiosos
- ‡ Somente trechos têm a autoria comprovada

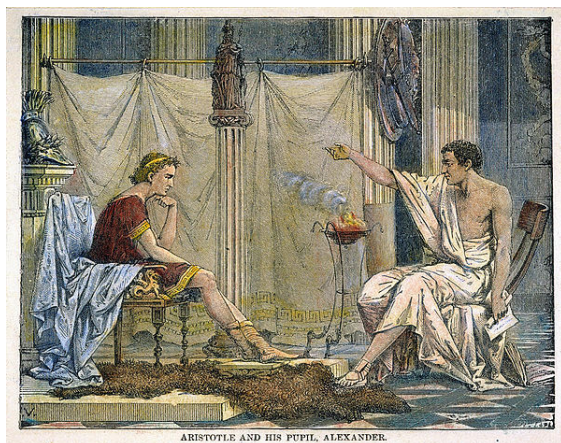
Capítulo 5

Aristóteles

 **Nota:** Para a cratera da Lua, veja **Aristóteles** (cratera).

Aristóteles (em grego clássico: Ἀριστοτέλης; transl.: *Aristotélēs*; Estagira, 384 a.C. — Atenas, 322 a.C.) foi um filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande.^[2] Seus escritos abrangem diversos assuntos, como a física, a metafísica, as leis da poesia e do drama, a música, a lógica, a retórica, o governo, a ética, a biologia e a zoologia. Juntamente com Platão e Sócrates (professor de Platão), Aristóteles é visto como um dos fundadores da filosofia ocidental. Em 343 a.C. torna-se tutor de Alexandre da Macedônia, na época com treze anos de idade, que será o mais célebre conquistador do mundo antigo. Em 335 a.C. Alexandre assume o trono e Aristóteles volta para Atenas onde funda o *Liceu*.

5.1 Vida



Aristóteles ensinando Alexandre, o Grande gravura de Charles Laplante

Aristóteles era natural de Estagira, na Trácia,^[3] sendo filho de Nicômaco, amigo e médico pessoal do rei macedônio Amintas III, pai de Filipe II.^[4] É provável que o interesse de Aristóteles por biologia e fisiologia decorra da atividade médica exercida pelo pai e pelo tio, e que remontava há dez gerações.

Segundo a compilação bizantina Suda, Aristóteles era descendente de Nicômaco, filho de Macaão, filho de Esculápio.^[5]

Com cerca de 16 ou 17 anos partiu para Atenas, maior centro intelectual e artístico da Grécia. Como muitos outros jovens da época, foi para lá prosseguir os estudos. Duas grandes instituições disputavam a preferência dos jovens: a escola de Isócrates, que visava preparar o aluno para a vida política, e Platão e sua Academia, com preferência à ciência (*episteme*) como fundamento da realidade. Apesar do aviso de que, quem não conhecesse Geometria ali não deveria entrar, Aristóteles decidiu-se pela academia platônica e nela permaneceu vinte anos, até a morte de Platão,^[6] no primeiro ano da 108ª olimpíada (348 a.C.).^[7]

Em 347 com a morte de Platão, a direção da Academia passa a Espeusipo^{[6][7]} que começou a dar ao estudo acadêmico da filosofia um viés matemático que Aristóteles (segundo opinião geral, um não-matemático) considerou inadequado^[8], assim Aristóteles deixa Atenas e se dirige, provavelmente, primeiro a Atarneu convidado pelo tirano Hérmiás e em seguida a Assos, cidade que fora doada pelo tirano aos platônicos Erasto e Corisco, pelas boas leis que lhe haviam preparado e que obtiveram grande sucesso.^[9]

Durante 347 a.C e 345 a.C, dirige uma escola em Assos, junto com Xenócrates, Erasto e Corisco e depois em 345/344 a.C. conhece Teofrasto e com sua colaboração dirige uma escola em Mitilene, na ilha de Lesbos e lá se casa com Pítias, neta de Hérmiás, com quem teve uma filha, também chamada Pítias e Nicômaco.^[10] Em 343/342 a.C Filipe II escolhe Aristóteles como educador de seu filho Alexandre, então com treze anos.^[11], por intercessão de Hérmiás^[9]

Pouco se sabe sobre o período da vida de Aristóteles entre 341 a.C e 335 a.C, ainda que se questiona o período de tempo da tutela de Alexandre, alguns estimam em apenas dois ou três anos e outros em sete ou oito anos.^{[12][13]}

Em 335 a.C. Aristóteles funda sua própria escola em Atenas, em uma área de exercício público dedicado ao deus Apolo *Lykeios*, daí o nome *Liceu*.^[14] Os filiados da escola de Aristóteles mais tarde foram chamados de peripatéticos.^[15] Os membros do Liceu realizavam pes-

quisas em uma ampla gama de assuntos, os quais eram de interesse do próprio Aristóteles: botânica, biologia, lógica, música, matemática, astronomia, medicina, cosmologia, física, história da filosofia, metafísica, psicologia, ética, teologia, retórica, história política, do governo e da teoria política, retórica e as artes. Em todas essas áreas, o Liceu coletou manuscritos e assim, de acordo com alguns relatos antigos, se criou a primeira grande biblioteca da antiguidade.^[16]

Em 323 a.C., morre Alexandre e em Atenas começa uma forte reação antimacedônica, em 322 a.C. por causa de sua ligação com Alexandre, Aristóteles foge de Atenas e se dirige a Cálcedes, onde sua mãe tinha uma casa, explicando, “Eu não vou permitir que os atenienses pequem duas vezes contra a filosofia”^{[17][18]} uma referência ao julgamento de Sócrates em Atenas. Ele morreu em Cálcedes, na ilha Eubeia de causas naturais naquele ano.^[11] Aristóteles nomeou como chefe executivo seu aluno Antípatro e deixou um testamento em que pediu para ser enterrado ao lado de sua esposa.^[19]

5.2 Campos de estudo



Em 335 a.C. Aristóteles funda sua própria escola em Atenas, em uma área de exercício público dedicado ao deus Apolo Lykeios, daí o nome Liceu.^[14] A escola de Aristóteles, afresco de Gustav Adolph Spangenberg, 1883-1888

A filosofia de Aristóteles dominou verdadeiramente o pensamento europeu a partir do século XII^[20]. A revolução científica iniciou-se no século XVI e somente onde a filosofia aristotélica foi dominante é que sobreveio uma revolução científica.^[21]

As afirmações científicas de Aristóteles são totalmente desmentidas nos dias de hoje e a principal razão disso é que nos séculos XVI e XVII os cientistas aplicaram métodos quantitativos ao estudo da natureza inanimada, assim a Física e a Química de Aristóteles são irremediavelmente inadequadas em comparação com os trabalhos dos novos cientistas.^[10]

Apesar do alcance abrangente que as obras de Aristóteles gozaram tradicionalmente, os acadêmicos modernos questionam a autenticidade de uma parte considerável do *Corpus aristotelicum*.^[22]

5.2.1 Lógica

A Lógica de Aristóteles, que ocupa seis de suas primeiras obras, constitui o exemplo mais sistemático de filosofia em dois mil anos de história. Sua premissa principal envolve uma teoria de caráter semântico desenvolvida por ele para servir de estrutura para a compreensão da veracidade de proposições. Foi por meio de sua lógica que se estabeleceu a primazia da lógica dedutiva.^[23]

Aristóteles sistematizou a lógica, definindo as formas de interferência que eram válidas e as que não eram - em outras palavras, aquilo que realmente decorre de algo e aquilo que só aparentemente decorre; e deu nomes a todas essas diferentes formas de interferências. Por dois mil anos, estudar lógica, significou estudar a lógica de Aristóteles.^[24]

A lógica, como disciplina intelectual, foi criada no século IV a.C. por Aristóteles.^[25] Sua teoria do silogismo constituiu o cerne de sua lógica e através dela tenta caracterizar as formas de silogismo e determinar quais deles são válidas e quais não, o que conseguiu com bastante sucesso. Como primeiro passo no desenvolvimento da lógica, a teoria do silogismo foi extremamente importante.^[25]

5.2.2 Física

Aristóteles não reconhecia a ideia de inércia, ele imaginou que as leis que regiam os movimentos celestes eram muito diferentes daquelas que regiam os movimentos na superfície da Terra, além de ver o movimento vertical como natural, enquanto o movimento horizontal requeria uma força de sustentação.^[26] Ainda sobre movimento e inércia, Aristóteles afirmou que o movimento é uma mudança de lugar e exige sempre uma causa, o repouso e o movimento são dois fenômenos físicos totalmente distintos, o primeiro sendo irreduzível a um caso particular do segundo.^[10] No livro II, *Do Céu*, ele afirma explicitamente que quando um objeto se desloca para seu estado natural o movimento não é causado por uma força, assim ele afirma que o movimento daquilo que está no processo de locomoção é circular, retilíneo ou uma combinação dos dois tipos.^[20]

5.2.3 Óptica

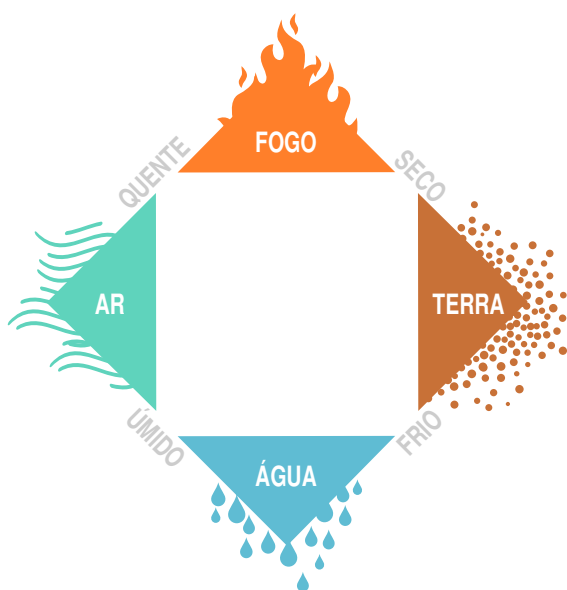
Na época de Aristóteles, a óptica matemática era ainda uma disciplina nova, contrariamente às outras matemáticas e especialmente à geometria, ele faz recorrentes referências à cor, à sua “unidade” e à sua constituição, nos mesmos contextos em que se fala de outros setores do real que pertencem a outras ciências matemáticas, e do que neles é unidade.^[27]

Aristóteles fez objeções à teoria de Empédocles e ao modelo de Platão que considerava que a visão era produzida por raios que se originavam no olho e que colidiam com

os objetos então sendo visualizados. Ao refutar as teorias então conhecidas, ele formulou e fundamentou uma nova teoria, a teoria da transparência: a luz era essencialmente a qualidade accidental dos corpos transparentes, revelada pelo fogo.^[28]

Aristóteles sugeria que a óptica contempla uma teoria matemático-quantitativa da cor, que corresponde a uma teoria da medição da luz, assim ele afirma que a luz não era uma coisa material mas a qualidade que caracterizava a condição ou o estado de transparência: “Uma coisa se diz invisível porque não tem cor alguma, ou a tem somente em grau fraco”^[29]

5.2.4 Química



Os quatro elementos fundamentais segundo Aristóteles

Enquanto Platão, seu mestre, acreditava na existência de átomos dotados de formas geométricas diversas, Aristóteles negava a existência das partículas e considerava que o espaço estava cheio de *continuum*, um material divisível ao infinito.^[10]

Sua obra *Meteorologia*, sintetiza suas ideias sobre matéria e química, usando as quatro qualidades da matéria e os quatro elementos, ele desenvolveu explicações lógicas para explicar várias de suas observações da natureza. Para Aristóteles a matéria seria formada, não a partir de um único, mas por quatro elementos: terra, água, ar e fogo, mas existiria sim um substrato único para toda a matéria, mas que seria impossível de isolar - serviria apenas como um suporte que transmite *quatro qualidades primárias*: quente, frio, seco e úmido.^[30] A fundação da Alquimia se baseou nos ensinamentos de Aristóteles, curiosamente ele afirmou que as rochas e minerais cresciam no interior da Terra e, assim com os humanos, os minerais tentavam alcançar um estado de perfeição através do processo de crescimento, a perfeição do mineral

seria quando ele se tornasse ouro.^[10]

5.2.5 Astronomia

Aristóteles concorda com seu mestre (Platão) em considerar a astronomia uma ciência matemática em sentido pleno, não menos do que a geometria, ele também concordava que os movimentos estudados pela astronomia, como diz a *A República*, não se percebem “com a vista”.^[27]

O cosmos aristotélico é apresentado como uma esfera gigantesca, porém finita, à qual se prendiam as estrelas, e dentro da qual se verificava uma rigorosa subordinação de outras esferas, que pertenciam aos planetas então conhecidos e que giravam em torno da Terra, que se manteria imóvel no centro do sistema (sistema geocêntrico).^[31]

5.2.6 Biologia

Considerado o fundador das ciências como uma disciplina, Aristóteles deixou obras naturalistas como *História dos Animais*, *As partes dos animais*, *A geração dos animais* e opúsculos como *Marcha dos animais*, *Movimentos dos animais* e *Pequeno tratado de história natural* e muitas outras obras sobre anatomia e botânica que se perderam e tratavam sobre o estudo de cerca de 400 animais que buscou classificar, tendo dissecado e cerca de 50 deles. Também realizou observações anatômicas, embriológicas e etológicas detalhadas de animais terrestres e aquáticos (moluscos e peixes), fez observações sobre cetáceos e morcegos. Embora suas conclusões sejam muitas vezes equivocadas atualmente, sua obra não deixa de ser notável.^[32] Seus escritos de biologia e zoologia correspondem a mais de uma quinta parte de sua obra, nelas trabalha sobre a noção de animal, a reprodução, a fisiologia e a classificação.^[33]

Segundo alguns cientistas da atualidade, Aristóteles teria “descoberto” o DNA, por ele identificar a forma, isto é, o *eidos* preexistente no pai que é reproduzido na prole.^[34]

Aristóteles foi quem iniciou os estudos científicos documentados sobre peixes sendo o precursor da ictiologia (a ciência que estuda os peixes), catalogou mais de cem espécies de peixes marinhos e descreveu seu comportamento. É considerado como elemento histórico da evolução da piscicultura e da aquariofilia,^[35] separou mamíferos aquáticos de peixes e sabia que tubarões e raias faziam parte de grupo que chamou de *Selachē* (*Chondrichthyes*).^[36]

O papel da mulher

A análise sobre a procriação de Aristóteles descreve um elemento masculino ativo, animante trazendo vida a um elemento do sexo feminino inerte e passivo. Por este motivo, as feministas acusam Aristóteles de misoginia^[37] e

sexismo.^[38] No entanto, Aristóteles deu igual peso para a felicidade das mulheres assim com dos homens e comentou em sua obra *A Retórica* que uma sociedade não pode ser feliz a menos que as mulheres também estejam felizes. Sobre as mulheres, ainda disse que eram totalmente incapazes de serem amigas, e ele com certeza não esperava que a esposa se relacionasse com o marido em nível de igualdade.^[39]

A homossexualidade

Visto não contribuir para a fundação de famílias, Aristóteles tinha a homossexualidade em conta de desperdício, não apenas inútil, mas até perigoso. Porém, isso não significa que o a condenava sempre em toda parte, ele tomou em consideração as circunstâncias em que era praticada, assim, em Creta, onde havia um problema de superpopulação, a relação entre o mesmo sexo era difundida,^[40] ele propôs que esse tipo de relação fosse regulamentada e tolerada pelo Estado, a fim de contornar a superpopulação, pois a ilha dispunha de poucos recursos.^[41] Em um fragmento sobre amor físico, embora referindo-se ao tema com indulgência, parece ter feito distinção entre a homossexualidade congênita anormal e o vício homossexual adquirido.^[42]

5.2.7 Metafísica



Platão e Aristóteles na Escola de Atenas (1509-1510), fresco de Rafael Sanzio, na Stanza della Segnatura, nos Museus Vaticanos

Ver também: Metafísica (Aristóteles)

O termo *Metafísica* não é aristotélico; o que hoje chamamos de metafísica era chamado por Aristóteles de "filosofia primeira", sendo por isso identificada com a teologia.^[10]

Não é fácil discutir a metafísica de Aristóteles, em parte porque está profusamente espalhada por toda a obra, e em parte por certa ausência de uma exposição bem detalhada.^[2]

A *Metafísica* de Aristóteles é, em essência, uma modificação da *Teoria das ideias* de Platão. Grande parte dessa obra parece uma tentativa de moderar as muitas extravagâncias de Platão. Seus dois principais aspectos são a distinção entre o "universal" e a mera "substância" ou "forma particular" e a distinção entre as três substâncias diferentes que formar a realidade cada uma com sua essência fundamental.^[23]

5.2.8 Psicologia

Ver também: Da alma (Aristóteles)

Na medida em que se ocupa das mais elaboradas entidades naturais, a psicologia foi considerada também o ápice da filosofia natural de Aristóteles.^[43] A palavra *psychê* (de que deriva nosso termo *psicologia*) costumava ser traduzida como "alma", e sob a rubrica *psyche* Aristóteles de fato inclui as características dos animais superiores que pensadores posteriores tendem a associar com a alma.^[10] Objeto geral da psicologia aristotélica é o mundo animado, isto é, vivente, que tem por princípio a alma e se distingue essencialmente do mundo inorgânico, pois, o ser vivo diversamente do ser inorgânico possui internamente o princípio da sua atividade, que é precisamente a alma, forma do corpo.^[44]

Muitas das hipóteses de Aristóteles sobre a natureza da lembrança e dos esquecimentos deram origem a grande número de experimentos na área da aprendizagem. Sua doutrina da associação afirmava que a memória é facilitada quer pela semelhança e dessemelhança de um fato atual e um passado, quer por sua estreita relação no tempo e espaço.^[45]

Sua obra *De Anima (Sobre a Alma)* trata-se do primeiro objetivo em larga escala para estudar a psicologia. Muitas das questões que levanta continuam por responder até hoje, e ainda são objeto de exame.^[46] Aristóteles formulou teorias sobre desejos, apetites, dor e prazer, reações e sentimentos. Sua doutrina da catarse ensinava, por exemplo que os temores podem ser transferidos ao herói da tragédia - ideia que muito mais tarde veio formar uma das teses da psicanálise e da terapia do jogo.^[45]


5.2.9 Ética

Ver também: Ética a Nicômaco

Alguns veem Aristóteles como o fundador da Ética, o que se justifica desde que consideremos a Ética como uma disciplina específica e distinta no corpo das ciências.^[47] Em suas aulas, Aristóteles fez uma análise do agir humano que marcou decisivamente o modo de pensar ocidental. O filósofo ensinava que todo o conhecimento e todo o trabalho visam a algum bem. O bem é a finalidade de toda a ação. A busca do bem é o que difere a ação humana da de todos os outros animais.^[48]

Para Aristóteles, estudamos a ética, a fim de melhorar nossas vidas e, portanto, sua preocupação principal é a natureza do bem-estar humano. Aristóteles segue Sócrates e Platão ao dispor as virtudes no centro de uma vida bem vivida. Como Platão, ele considera as virtudes éticas (justiça, coragem, temperança etc.), como habilidades complexas racionais, emocionais e sociais, mas rejeita a ideia de Platão de que a formação em ciências e metafísica é um pré-requisito necessário para um entendimento completo de bem. Segundo ele, o que precisamos, a fim de viver bem, é uma apreciação adequada da maneira em que os bens tais como a amizade, o prazer, a virtude, a honra e a riqueza se encaixam como um todo. Para aplicar esse entendimento geral para casos particulares, devemos adquirir, através de educação adequada e hábitos, a capacidade de ver, em cada ocasião, qual curso de ação é mais bem fundamentada. Portanto, a sabedoria prática, como ele a concebe, não pode ser adquirida apenas ao aprender regras gerais, também deve ser adquirida através da prática. E essas habilidades deliberativas, emocionais e sociais é que nos permitem colocar nossa compreensão geral de bem-estar em prática em formas que são adequados para cada ocasião.^[49] Aristóteles propõe que a vida contemplativa (intelectual) traria uma felicidade maior e mais constante ao ser humano, quando comparada à vida política (procura da honra) e da vida baseada em prazeres sensoriais.^[50]

5.2.10 Retórica

 Ver artigo principal: [Retórica](#)

A retórica de Aristóteles teve uma enorme influência sobre o desenvolvimento da arte da retórica. Não apenas sobre os autores que escrevem na tradição peripatética, mas também os famosos professores romanos de retórica, como Cícero e Quintiliano, frequentemente usaram elementos decorrentes aristotélica.^[51]

É na obra *Retórica* de Aristóteles que se assentam os primeiros dados cuja articulação passa a definir a Retórica como a “faculdade de descobrir especulativamente sobre todo dado o persuasivo”.^[52]

No prólogo do Livro I de sua *Arte Retórica*, ele se refere à possibilidade de ter uma técnica da retórica, de um método rigoroso não diferente do que seguem as ciências



Aristóteles de Francesco Hayez, 1811

lógicas, políticas e naturais. É evidente a diferença entre as concepções de Aristóteles sobre a arte da oratória entre o Livro I e o Livro II, enquanto neste último destaca o estudo das paixões, desfazendo a caracterização da retórica como puramente dialética, no Livro I Aristóteles valoriza a função da sedução da alma. A retórica deve ser, portanto, *demonstrativa* e *emocional*.^[53]

5.2.11 Artes

Aristóteles concedia às artes uma importância valiosa, na medida em que poderiam reparar as deficiências da natureza humana, contribuindo na formação moral dos indivíduos.^[54]

Música

Em *Política*, Aristóteles questiona a participação da música na educação, pois sua associação imediata com o prazer faz com que o autor oponha a música a qualquer atividade, pois esta parece se adequar melhor ao desfrute no tempo livre. No decorrer do texto, ele enfatiza que o ensino da música deve ter ênfase na escuta e não à prática instrumental, já que a execução de instrumentos se relaciona aos trabalhos manuais, atividade imprópria para a educação de um homem livre.^[54] A obra *Problemas* constitui uma das mais antigas discussões sobre música, se no livro VII da *Política* Aristóteles procurou mostrar a importância da música na educação, no livro XIX de *Problemas* ele levanta questões de várias ordens: referentes à acústica, às escalas, aos intervalos, à voz, aos encordo-

amentos, aos harmônicos, aos tipos de composição etc., o autor levanta cinquenta problemas e a esses ele mesmo procura responder.^[55]

Poética

 Ver também: Poética (Aristóteles)

Aristóteles foi o primeiro filósofo a consagrar todo um tratado, ainda que incompleto, ao exame do fenômeno poético, a *Arte Poética*. Ele propunha-se a refletir acerca do *objeto estético*, ou antes, acerca da criação do objeto estético.^[56]

Em *Arte Poética*, o filósofo trata da arte poética a partir de duas perspectivas, a definição da poética como imitação e a apresentação da estrutura da poesia de acordo com suas diferentes espécies. No primeiro caso, reduz a essência da poética à imitação - que crê ser congênita no homem. A sua importância, contudo, deriva do fato de que a mimese é capaz de fornecer, ao ser humano, dois elementos essenciais: prazer e conhecimento.^{[57][58]}

Aristóteles era um apurado colecionador sistemático de enigmas, folclores e provérbios, ele e sua escola tinham um interesse especial nos enigmas da Pítia e estudaram também as fábulas de Esopo.^[59]

5.2.12 Política

 Ver também: Política (Aristóteles)

A política aristotélica é essencialmente unida à moral, porque o fim último do estado é a *virtude*, isto é, a formação moral dos cidadãos e o conjunto dos meios necessários para isso. O estado é um organismo moral, condição e complemento da atividade moral individual, e fundamento primeiro da suprema atividade contemplativa. A política, contudo, é distinta da moral, porquanto esta tem como objetivo o indivíduo, aquela a coletividade. A ética é a doutrina moral individual, a política é a doutrina moral social. Desta ciência trata Aristóteles precisamente na Política, de que acima se falou.^[60]

Em *Ética a Nicômaco* Aristóteles descreve o assunto como ciência política, que ele caracteriza como a ciência mais confiável. Ela prescreve quais as ciências são estudadas na cidade-estado, e os outros - como a ciência militar, gestão doméstica e retórica - caem sob a sua autoridade. Desde que rege as outras ciências práticas, suas extremidades servem como meios para o seu fim, que é nada mais nada menos do que o bem humano.^[60]

A escravidão


Aristóteles não nega a natureza humana ao escravo^[60], para ele a escravidão faz parte da própria natureza, de

modo que o escravo nasce para ser escravo e é na sua função de escravo que ele realiza finalidade para a qual existe. Ele não sacrifica nada, pois sua natureza não exige mais do que compete na sociedade. Ele discorda da opinião daqueles que pretendem que o poder do patrão é contra a natureza, para ele, a natureza em vista da conservação, criou alguns seres para mandar e outros para obedecer, é ela que dispõe que o ser dotado de providência mande como patrão, e que o ser, capaz por faculdades corporais execute ordens.^[61]

5.3 Obra



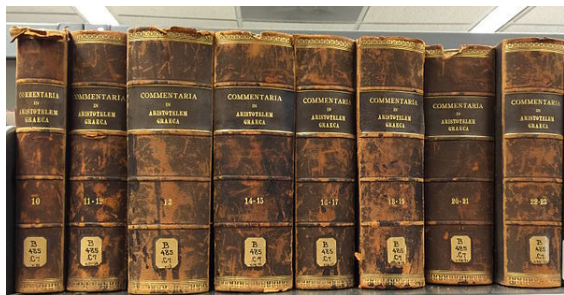
Começo do livro 7 da *Metafísica* de Aristóteles, traduzido para o latim por Guilherme de Moerbeke. Manuscrito do século XIV

 Ver artigo principal: Corpus aristotelicum

De acordo com a distinção que se origina com o próprio Aristóteles, seus escritos são divididos em dois grupos: os “exotéricos” e os “esotéricos”.^[62] É difícil para muitos leitores modernos aceitar que alguém pudesse tão seriamente admirar o estilo daquelas obras atualmente disponíveis para nós.^[63] No entanto, alguns estudiosos modernos têm advertido que não podemos saber ao certo se o elogio de Cícero foi dirigido especificamente para as obras exotéricas. Alguns estudiosos modernos têm realmente admirado o estilo de escrita concisa encontrado nas obras existentes de Aristóteles.^[64]

As obras de Aristóteles que sobreviveram desde a antiguidade através da transmissão de manuscrito medieval são coletados no *Corpus Aristotelicum*. Esses textos, ao contrário de obras perdidas de Aristóteles, são tratados filosóficos técnicos de dentro da escola de Aristóteles. A referência a eles é feita de acordo com a organização da edição da obra de August Immanuel Bekker (*Aristotelis Opera edidit Academia Regia Borussica*, Berlin, 1831–1870) pela Academia Real da Prússia, que por sua vez é baseado em classificações antigas dessas obras. Acredita-se que a maior parte de sua obra tenha sido perdida, e apenas um terço de seus trabalhos tenham sobrevivido.^[65]

5.4 Legado



Biblioteca de obras de Aristóteles.

Mais de 2.300 anos depois de sua morte, Aristóteles continua sendo uma das pessoas mais influentes que já viveram. Ele contribuiu para quase todos os campos do conhecimento humano e foi o fundador de muitas áreas novas. De acordo com o filósofo Bryan Magee, "é duvidoso que qualquer ser humano saiba o tanto quanto ele sabia".^[66] Entre inúmeras outras realizações, Aristóteles foi o fundador da lógica formal^[67] e pioneiro no estudo da Zoologia, deixando cada futuro cientista e filósofo em débito para com ele por suas contribuições para o método científico.^{[68][69]} Apesar dessas realizações, a influência dos erros de Aristóteles é considerada por alguns como tendo sido de grande empecilho para o desenvolvimento da ciência. Bertrand Russell observa que "quase todo o avanço intelectual sério teve de começar com um ataque a alguma doutrina aristotélica". Russell também se refere à ética de Aristóteles anacronicamente como "repulsiva", e sobre sua lógica disse ser "definitivamente antiquada como a astronomia ptolomaica". Russell observa que esses erros tornam difícil fazer uma justiça histórica a Aristóteles, até o momento em que lembramos de quão grande foi o avanço que ele fez em cima de todos os seus predecessores.^[70]

5.4.1 Filósofos gregos posteriores

A influência obra de Aristóteles foi sentida quando o Liceu se transformou na Escola peripatética. Entre os estudantes notáveis de Aristóteles estão Aristóxenes, Dicaerco, Eudemo de Rodes,^[71] Demétrio de Faleros, Hárpalo, Heféstion, Mênon, Mnason de Fócis, Nicômaco e Teofrasto.

5.4.2 Influência sobre os eruditos bizantinos

Os escribas cristãos gregos desempenharam um papel crucial na preservação das obras de Aristóteles, copiando todos os manuscritos gregos existentes do "corpus". Os primeiros cristãos gregos que muito comentaram Aristóteles foram João Filopono, Elias e David, no século VI, e Estéfano de Alexandria no início do século VII.^[72]

5.5 Referências

- [1] Vinicius de Figueiredo (2007). *Filósofos na sala de aula - Vol 3*. [S.l.]: Berlendis & Vertecch. p. 15. ISBN 978-85-7723-009-9
- [2] Bertrand Russell; Laura Alves (2004). *História do Pensamento Ocident*. [S.l.]: Ediouro Publicações. p. 122. ISBN 978-85-00-01355-3
- [3] *Descrição da Grécia*, 6.4.8, por Pausânias (geógrafo)
- [4] Stirn, F (2006). *Compreender Aristóteles* 2 ed. Petrópolis: Vozes. p. 15. ISBN 978-85-326-3380-4
- [5] Suda, nu,399
- [6] Dicionário de filosofia. 2. (E - J) Volume 2 Por José Ferrater-Mora. Barcelona: Ariel, 1994.
- [7] Papiros de Oxirrinco, pOxy 12, *Crônicas de Oxirrinco* [em linha]
- [8] Kenneth Mcleish (2000). *Aristoteles*. [S.l.]: Unesp. p. 9. ISBN 978-85-7139-285-4
- [9] Giovanni Reale (2001). *Metafísica de Aristóteles I*. [S.l.]: Loyola. p. 277. ISBN 978-85-15-02361-5
- [10] "(denominamos essa ciência "metafísica" e Aristóteles a estuda em sua "Metafísica". Mas ele nunca usa o termo "metafísica", tendo o título "Metafísica" o sentido literal de 'aquilo que vem depois da física ou ciência natural. Jonathan Barnes. *Aristóteles (em inglês)*. [S.l.]: Edicoes Loyola. p. 47. ISBN 978-85-15-02214-4
- [11] "Em 343, a pedido de Filipe, o rei da Macedônia, Aristóteles deixou Lesbos para Pela, capital da Macedônia, a fim de ser o tutor de seu filho de treze anos de idade, Alexander, que viria a tornar-se Alexandre, o Grande."Stanford Encyclopedia of Philosophy *Aristotle* (em inglês)
- [12] "Depois de cerca de 12 anos no norte da Grécia (sete dos quais passados como tutor do futuro Alexandre, o Grande), retornou a Atenas em 335. a.C." Kenneth Mcleish (2000). *Aristoteles*. [S.l.]: Unesp. p. 9. ISBN 978-85-7139-285-4
- [13] "Embora a especulação sobre a influência de Aristóteles sobre o desenvolvimento de Alexandre se prova irresistível para os historiadores, na verdade, pouco de concreto se sabe sobre sua interação. No balanço, parece razoável concluir que algumas aulas aconteceram, mas que durou apenas dois ou três anos, quando Alexandre foi tinha 13 a 15 anos. Aos 15 anos, Alexandre aparentemente já servia como comandante militar para seu pai, uma circunstância que prejudicaria, se inconclusivamente, o julgamento desses historiadores que conjecturam um longo período de tutela. Seja como for, alguns supõem que a sua associação durou até oito anos."Stanford Encyclopedia of Philosophy *Aristotle* (em inglês)
- [14] "Liceu, porque o edifício que ocupava fora dedicado ao *Apolo Liceu*, deus dos pastores" Leopoldo de Meis (2002). *Ciência, Educação e o Conflito Humano-tecnológico*. [S.l.]: Senac. p. 65. ISBN 978-85-7359-277-1

- [15] "...a escola aristotélica foi logo denominada "Peripato", e os seus seguidores "perimatpéticos": em grego, como efeito, significa "passeio" e peripatéticos "passeante"." Giovanni Reale (2008). *História da filosofia antiga III - Os sistemas da era helenística*. [S.l.]: Loyola. p. 111. ISBN 978-85-15-00848-3
- [16] «Standford Encyclopedia of Philosophy Aristotle» (em inglês)
- [17] Jones, W.T. (1980). *The Classical Mind: A History of Western Philosophy*. [S.l.]: Harcourt Brace Jovanovich. p. 216
- [18] Ingemar Düring (1987). *Aristotle in the Ancient Biographical Tradition*. [S.l.]: Garland Publishing, Incorporated. ISBN 978-0-8240-6912-4
- [19] Aufstieg und Niedergang der römischen Welt by Hildegard Temporini, Wolfgang Haase Aristotle's Will
- [20] "A Europa redescobriu Aristóteles através de traduções árabes, e do séc XII ao XVI, a Filosofia dominante mudou de Platão para Aristóteles." Antonio S.T. Pires. *Evolução das Ideias da Física*. [S.l.]: Editora Livraria da Física. p. 64. ISBN 978-85-88325-96-8
- [21] YOAV BEN-DOV (1996). *Convite à Física*. [S.l.]: Jorge Zahar Editor Ltda. p. 28. ISBN 978-85-7110-355-9
- [22] Terence Irwin and Gail Fine, Cornell University, *Aristotle: Introductory Readings*. Indianápolis, Indiana: Hackett Publishing Company, Inc. (1996), introdução, pp. xi-xii.
- [23] Martyn Oliver (1998). *História ilustrada da filosofia*. [S.l.]: Manole. p. 20. ISBN 978-85-204-0820-9
- [24] Bryan Magee (1999). *Historia de la filosofía*. [S.l.]: lume. p. 32. ISBN 978-85-15-01929-8
- [25] Cezar A. Mortari (2001). *Introdução à lógica*. [S.l.]: Comped. p. 28. ISBN 978-85-7139-337-0
- [26] PAUL G. HEWITT (2002). *Física Conceitual*. [S.l.]: Bokman. p. 56. ISBN 978-85-363-0040-5
- [27] Elisabetta Cattanei (2005). *Entes matemáticos e metafísica*. [S.l.]: Edições Loyola. pp. 156, 456. ISBN 978-85-15-03073-6. Consultado em 13 de maio de 2013
- [28] ALFREDO ROQUE SALVETTI. *A História da Luz*. [S.l.]: Editora Livraria da Física. p. 19. ISBN 978-85-7861-002-9
- [29] Aristóteles, *Metafísica*, XXII, 1022 b 34-35
- [30] Grupo de Pesquisa em Educação Química (2002). *Interações e Transformações: Professor - A Química e a Sobrevivência - Atmosfera/Fonte de Materiais Vol. 3*. [S.l.]: EdUSP. p. 12. ISBN 978-85-314-0718-5
- [31] Zylberstajn, Arden. «A Evolução das Concepções sobre Força e Movimento» (doc). Consultado em 21 de agosto de 2009
- [32] Paulo DALGALARRONDO. *A Evolução do Cérebro*. [S.l.]: Artmed. p. 34. ISBN 978-85-363-2491-3
- [33] Anamaria Feijó (2005). *Utilização de animais na investigação e docência: uma reflexão ética necessária*. [S.l.]: EDIPUCRS. p. 25. ISBN 978-85-7430-523-3
- [34] Enrico Berti (1997). *Aristóteles no século XX Enrico Berti, Dion Davi Macedo*. [S.l.]: Edicoes Loyola. p. 310. ISBN 978-85-15-01557-3. Consultado em 1 Verifique data em: laccessodata= (ajuda)
- [35] João Silva. «História da Aquariofilia». Vida Aquática. Consultado em 18 de abril de 2009
- [36] Singer, Charles. *A short history of biology*. Oxford 1931.
- [37] Freeland, Cynthia A. (1998). *Feminist Interpretations of Aristotle*. [S.l.]: Penn State University Press. ISBN 0-271-01730-9
- [38] Morsink, Johannes (primavera 1979). «Was Aristotle's Biology Sexist?». *Journal of the History of Biology*. **12** (1): 83–112
- [39] Dinesh D'Souza. *A verdade sobre o cristianismo*. [S.l.]: Thomas Nelson Brasil. p. 79. ISBN 978-85-60303-79-3
- [40] REINHOLDO ALOYSIO ULLMANN. *Amor e sexo na Grécia antiga*. [S.l.]: EDIPUCRS. p. 130. ISBN 978-85-7430-540-0
- [41] Juan Eslava Galán (2 de setembro de 1997). *Amor y Sexo en la Antigua Grecia* (em espanhol). [S.l.]: Ediciones Temas de Hoy. p. 67. ISBN 978-84-7880-869-4
- [42] Havelock Ellis. *Inversão Sexual: 1 Introdução*. [S.l.]: IN-DEX ebooks. p. 36. ISBN 978-989-97764-8-7
- [43] Aristóteles (2006). *De Anima*. [S.l.]: Editora 34. p. 17. ISBN 978-85-7326-351-0
- [44] «Aristóteles - A Psicologia». PUC São Paulo. Consultado em 11 de maio de 2013
- [45] Eysenck, H. J. *Dicionário de psicologia (3 volumes capa dura)*. [S.l.]: LOYOLA. p. 160. ISBN 978-85-15-00962-6
- [46] Edward F. Edinger. *Psique Na Antiguidade, a*. [S.l.]: Editora Cultrix. p. 100. ISBN 978-85-316-0642-7
- [47] Henrique Cláudio de Lima Vaz (2008). *Escritos de filosofia IV - Introdução à ética filosófica 1*. [S.l.]: Edições Loyola. p. 109. ISBN 978-85-15-01988-5
- [48] *Ética e cidadania: caminhos da filosofia*. [S.l.]: Papyrus Editora. 1997. p. 54. ISBN 978-85-308-0458-9
- [49] «Standford Encyclopedia of Philosophy Aristotle's Ethics» (em inglês)
- [50] Vasconcelos, V. V. Apontamentos sobre a Ética a Nicômaco, de Aristóteles. Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.
- [51] «Aristotle's Rhetoric» (em inglês)
- [52] Aristóteles; Antônio Pinto de Carvalho; Jean Voilquin; Goffredo Telles Júnior (1969). *Arte retórica e arte poética*. [S.l.]: Tecnoprint. p. 33

- [53] *Retóricas de ontem e de hoje*. [S.l.]: Editora Humanitas. 2004. p. 145. ISBN 978-85-98292-27-4
- [54] Lia Tomás (2004). *Música E Filosofia*. [S.l.]: Irmãos Vitale. p. 24. ISBN 978-85-7407-179-4. Consultado em 9 de junho de 2013
- [55] Maria Luiza Carvalho. *Aristóteles, Problemas Musicais*. [S.l.]: Thesaurus Editora. ISBN 978-85-7062-279-2
- [56] Massaud Moisés (1997). *A Criação literária*. [S.l.]: Editora Cultrix. p. 105. ISBN 978-85-316-0091-3
- [57] EDGAR ROBERTO KIRCHOF. *A Estética Antes Da Estética de Platão, Aristóteles, Agostinho, Aquino E Locke a Baumgarten*. [S.l.]: Editora da ULBRA. p. 74. ISBN 978-85-7528-089-8
- [58] Aristóteles, *Arte Poética*, p. 27
- [59] Temple, Olivia, and Temple, Robert (translators), *The Complete Fables By Aesop Penguin Classics*, 1998. ISBN 0-14-044649-4 Cf. Introduction, pp. xi–xii.
- [60] «Aristóteles - A Política». PUC São Paulo. Consultado em 11 de maio de 2013
- [61] Nêdilso Lauro Brugnera (1998). *A Escravidão em Aristóteles*. [S.l.]: EDIPUCRS. p. 103. ISBN 978-85-7430-011-5
- [62] Jonathan Barnes, “Life and Work” em *The Cambridge Companion to Aristotle* (1995), p. 12; o próprio Aristóteles: *Ética a Nicômaco* 1102a26-27. O próprio Aristóteles nunca usa o termo “esotérico” ou “verbal”. Para outras passagens em que Aristóteles fala de *exōterikoi logoi*, ver W. D. Ross, *Aristotle’s Metaphysics* (1953), vol. 2, pp. 408–410. Ross defende uma interpretação segundo a qual a expressão, pelo menos nas próprias obras de Aristóteles, geralmente se refere a “discussões não peculiares à escola peripatética”, em vez de trabalhos específicos do próprio Aristóteles.
- [63] Barnes, “Life and Work”, p. 12.
- [64] Barnes, “Roman Aristotle”, in Gregory Nagy, *Greek Literature*, Routledge 2001, vol. 8, p. 174 n. 240.
- [65] Jonathan Barnes, “Life and Work” in *The Cambridge Companion to Aristotle* (1995), p. 9.
- [66] Magee, Bryan (2010). *The Story of Philosophy*. [S.l.]: Dorling Kindersley. p. 34
- [67] W. K. C. Guthrie (1990). "A history of Greek philosophy: Aristotle : an encounter". Cambridge University Press. p.156. ISBN 0-521-38760-4 (em inglês)
- [68] «Aristotle (Greek philosopher) – Britannica Online Encyclopedia». Britannica.com. Consultado em 26 de abril de 2009. Cópia arquivada em 22 de abril de 2009
- [69] Durant, Will (1926 (2006)). *The Story of Philosophy*. United States: Simon & Schuster, Inc. p. 92. ISBN 978-0-671-73916-4 Verifique data em: |lano= (ajuda)
- [70] Bertrand Russell, “A History of Western Philosophy”, Simon & Schuster, 1972
- [71] Giovanni Reale. *A History of Ancient Philosophy III: Systems of the Hellenistic Age*. SUNY Press; 1985. ISBN 978-0-88706-027-4. p. 101.
- [72] Richard Sorabji. *Aristotle transformed: the ancient commentators and their influence*. Duckworth; 1990. ISBN 978-0-7156-2254-4. p. 35 – 36.

5.6 Bibliografia

- Aristotle(1995), *The Complete Works of Aristotle* (ed. J. Barnes), Princeton: Princeton University Press
- Obras de Aristóteles na Open Library.

5.7 Ligações externas

- Constituição de Atenas
- Nova Escola - Reportagem - Aristóteles
- Artigo introdutório sobre Aristóteles
- Ousia - Estudos sobre Aristóteles
- Pensamento e atualidade de Aristóteles

Escritos de Aristóteles (coleções)

- Obras completas pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

em inglês

-  Obras de Aristóteles no Project Gutenberg USA (inglês e alemão)
- The Aristotelian Society
- Massachusetts Institute of Technology
- Perseus-Tufts University
- University of Adelaide

em francês

- Tufts University

5.8 Fontes dos textos e imagens, contribuidores e licenças

5.8.1 Texto

- Filosofia da Grécia Antiga** *Fonte:* https://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia_da_Gr%C3%A9cia_Antiga?oldid=48290249 *Contribuidores:* João Carvalho, FSogumo, Yanguas, Thijs!bot, Domusaurea, Luckas Blade, VolkovBot, Victor Andrade, RafaAzevedo, Vitor Mazuco, Luckas-bot, Salebot, Xqbot, RibotBOT, Marcos Elias de Oliveira Júnior, EmausBot, ZéroBot, TuHan-Bot, Stuckkey, WikitanvirBot, Colaborador Z, MerlIwBot, KLBot2, HiW-Bot, DARIO SEVERI, Zoldyick, Dexbot, Hume42, Nicolly548, Nakinn, O revolucionário aliado, Vitor, Larissa Knorst, Daniloschnapper e Anônimo: 45
- Pré-socráticos** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A9-socr%C3%A1ticos?oldid=48421231> *Contribuidores:* Manuel Anastácio, Robin Hood-ptwiki, Marcelo Reis, Mrcl, Chico, LeonardoRob0t, Jic, Dvulture, NTBot, JucaZero, RobotQuistnix, JP Watrin, Rei-artur, Epineiro, 333-ptwiki, Giro720, Cláudio Aarão Rangel, OS2Warp, 555, Palica, Adailton, Lijealso, YurikBot, Renato sr, Cícero, Bonás, FlaBot, Mosca, Eduardoferreira, MetalFenix-ptwiki, Leonardo.stabile, Nikitta, Jo Lorib, FSogumo, Marcelo Victor, Yanguas, Thijs!bot, Rei-bot, GRS73, Daimore, JSSX, Fabiobarros, JAnDbot, Alchimista, Rodrigo Padula, MarceloB, Delemon, Bisbis, Henriquemaiia, Fabio Rocha, Stego, Der kenner, TXiKiBoT, Tumnus, Gunnex, VolkovBot, SieBot, Bjankuloski06pt, Francisco Leandro, Scriba, Teles, Mari MV, BotMultichill, Mário Henrique, AlleborgoBot, Acdallago, Auréola, Heiligenfeld, JohnR, Beria, Sergio Kaminski, RafaAzevedo, RadiX, MelM, Phtotoso, Catuereal, Pietro Roveri, Lockalbot, Vitor Mazuco, NjardarBot, ChristianH, ThrasherÜberrnensch, Luckas-bot, Pbtogourou, Salebot, ArthurBot, DSisyphBot, Gonzalg, Matheus-sma, Mobyduck, Xqbot, GhalyBot, Gean, Darwinius, Raylton P. Sousa, ThiagoRuiz, OnlyJonny, Marcos Elias de Oliveira Júnior, HVL, Viniciusmc, David SM Moraes, Aleph Bot, EmausBot, ChuispastonBot, Stuckkey, Colaborador Z, L'editeur, Antero de Quintal, PauloEduardo, Épico, Sergio3004, DARIO SEVERI, OliverPro, Zoldyick, Matheus Faria, Jml3, Canuwaitoutside, PauloHenrique, Hume42, Prima.philosophia, Önni, Legobot, Merck77, Marcos dias de oliveira, Tiitanium, Nakinn, Stanglavine, O revolucionário aliado, Vitor, Wikimasterbz, Mbassis, Armagedon2000, Lourenço Caiombe, Alessandro Sil, Gato Preto, Lucieneloka, Olokorcel, Aspargos e Anônimo: 362
- Sócrates** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B3crates?oldid=48260266> *Contribuidores:* Suisui, Jorge-ptwiki, Robbot, Manuel Anastácio, Harshmellow, Renato, Mrcl, Andreas Herzog, NH-ptwiki, E2mb0t, Chico, LeonardoRob0t, Jic, Ziguratt, Ikescs, Santana-freitas, Campani, Nuno Tavares, Get It, Indech, NTBot, RobotQuistnix, JP Watrin, Hugo lopes, Rei-artur, Leslie, Clara C., Epineiro, Leandromartinez, João Carvalho, Gdsuper, Agil, Giro720, Cláudio Aarão Rangel, OS2Warp, Cesarschirmer, 555, Águia, Adailton, Lijealso, J.C.Ismael, YurikBot, JLCA, Porantim, Fernando S. Aldado, Gpvos, Bonás, NRangel, FlaBot, Tocalipe, SallesNeto BR, Luís Felipe Braga, Mosca, MalafayaBot, Eduardoferreira, Arges, Joseolgon, Tilgon, PatríciaR, Chlewbot, Dantadd, Jorge Morais, DIEGO RICARDO PEREIRA, MarioM, Xandi, Chicocvenancio, Luís Filipe Grochocki, Lemarlou, Jo Lorib, Dpc01, Ugur Basak Bot-ptwiki, Girino, GoEThe, FSogumo, Marcelo Victor, Econt, Thijs!bot, Rei-bot, GRS73, Luisffmendes, Escarbot, Biologo32, Gustavo Portela, Belanidia, Wmarcosw, Daimore, Rictad, Fabiobarros, Maurício Bobrowski Rodrigues, JAnDbot, Alchimista, Thiago R Ramos, Luiza Teles, Bisbis, Albmont, Andrez, Barão de Itararé, Renancaldeira, Fabio Rocha, Lourenzo, Comunidadegba, Zelhör, Alexanderps, Eric Duff, Rjclaudio, Maneco2007, Idioma-bot, EuTuga, MaVpt, Der kenner, Jmx, Luckas Blade, Carlos28, TXiKiBoT, Tumnus, Gunnex, VolkovBot, SieBot, Rpolser, Francisco Leandro, Físico, Synthebot, Lechatjaune, Yone Fernandes, Raphael Bortoli, Teles, Gringo Desconhecido, Cauim-ptwiki, Vini 175, BotMultichill, Mário Henrique, AlleborgoBot, Acdallago, Zdrtrlik, GOE, Kaktus Kid, GOE2, One People, Tetrakty, Klopes, PipepBot, Francisco kiko, Auréola, Kim richard, Quiumen, Heiligenfeld, LeoBot, Taikanatur, Inox, Beria, Alexandrepaste, RafaAzevedo, Lorde-Moura, Master69-ptwiki, LP Sérgio LP, Piedro-ptwiki, AltCtrlDel, Lourencoalmada, RadiX, Edviges, Robson correa de camargo, Antonio Marcos Andrade Gil, Theus PR, Casaprimux, Sampayu, Pietro Roveri, OfisBlink, Vitor Mazuco, Maurício I, Tamoyo, Alexpanato, Laurapatriicia-ptwiki, CarsracBot, NjardarBot, ChristianH, Numbo3-bot, ThrasherÜberrnensch, Luckas-bot, LinkFA-Bot, Miguelnoite, Alan Felipe - AFM, Eamaral, Luisa bia123, Millennium bug, CasperBraske, Vanthorn, Salebot, ArthurBot, DumZiBoT, Jackiestud, Paul Whitney, Obersachsebot, Xqbot, Lépton, PViz, GhalyBot, Gean, Almbot, TaBOT-zerem, Rubinbot, Darwinius, RibotBOT, Ana I. Figueiredo, MisterSanderson, Ts42, MarcosLauro, RedBot, CasteloBot, TobeBot, Celso Ferenczi, Gabriel.silvasouza, Marcos Elias de Oliveira Júnior, HVL, Erico Tachizawa, TjBot, Viniciusmc, Capitão Pirata Bruxo, FMTbot, Janaína Castro, Ninux2000, Aleph Bot, EmausBot, JackieBot, ZéroBot, Érico, Renato de carvalho ferreira, Adrian de Limes, Salamat, Reporter, Dreispt, Jbribeiro1, Nelson Teixeira, Calbercan, Lord fatal, ChuispastonBot, Stuckkey, WikitanvirBot, Axlroseguns, Bruno Meireles, Alvaro Azevedo Moura, Duduzimm, Colaborador Z, DaniloEngelhard, L'editeur, Antero de Quintal, PauloEduardo, Fronteira, Guaráwolf, Gabriel Yuji, Alex707, Épico, Renamed user 2931-018231, Aerolitz, Geovani.s, DARIO SEVERI, Anonimodelata, Musashijapan, Shgür Datsügen, Zoldyick, Matheus Faria, Enoxon, Mangabas, Dexbot, Jorgemaks, PauloHenrique, Leon saudanha, Hume42, Prima.philosophia, Önni, Felipobellini, Legobot, EVinente, Hist2, Felipe.silverio.alves, Holdfz, Thiagovitaal, Chen10k2, Marcos dias de oliveira, Daniel silva rodrigues, Rodrigo Leite Valentin, MCarssten, Manu9658, Conde Edmond Dantès, Estepheson, Carlos Steiner, Ixocactus, Nakinn, O revolucionário aliado, Grind24, Vitor, Valdi scodayck, Valdi Nelito Scodayck, Maça morrida, Gato Preto, Papa Christus, Bleandsa, Joaosilva1110, Mr. Fulano, Ivis000, M.Godoy, Aspargos e Anônimo: 676
- Platão** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Plat%C3%A3o?oldid=48415763> *Contribuidores:* JoaoMiranda, Sistema428, Jorge-ptwiki, PauloColacino, Manuel Anastácio, Webkid-ptwiki, LeonardoG, Muriel Gottrop, Mschlindwein, Rui Silva, Mrcl, Gbten, NH-ptwiki, E2mb0t, Juntas, LeonardoRob0t, Pedrassani, Malafaya, Jic, Ziguratt, Santana-freitas, Campani, Whooligan, Nuno Tavares, Get It, NTBot, RobotQuistnix, JP Watrin, Rei-artur, Sturm, Cralize, Epineiro, Tschulz, Leandromartinez, 333-ptwiki, Brunodantas, André Koehne, Jorgesallum, Carlos Luis M C da Cruz, Cláudio Aarão Rangel, OS2Warp, Lampiao, Cesarschirmer, 555, Mlduclos, Manuel de Sousa, Adailton, Zwobot, Jorunn, Lijealso, YurikBot, Cícero, JLCA, Porantim, Gpvos, A.Z.-ptwiki, Roberto Cruz, FlaBot, SallesNeto BR, Mosca, MalafayaBot, Eduardoferreira, Arges, Chlewbot, Dantadd, Armagedon, Jorge Morais, DIEGO RICARDO PEREIRA, Anastácio, LijeBot, Chicocvenancio, Amgauna, Maíra Lima, Pilgerowski, Nikitta, Antonio Prates, Jo Lorib, Davemustaine, KirrVlad, Ugur Basak Bot-ptwiki, Reynaldo, Nice poa, GoEThe, FSogumo, Econt, Thijs!bot, Rei-bot, GRS73, Luisffmendes, Escarbot, Tarsie, Diogocava, Belanidia, Daimore, BOT-Superzercocool, JSSX, Marcelo Bagatini, Fabiobarros, JAnDbot, AdriAg, MarceloB, Delemon, Bisbis, Marcus.voltolim, Albmont, Henriquemaiia, Barão de Itararé, CommonsDelinker, LRF, Robertogilnei, Jack Bauer00, Alexanderps, Amadeo, Eric Duff, Rjclaudio, Bot-Schafter, Joamms, Idioma-bot, Der kenner, Luckas Blade, Carlos28, TXiKiBoT, Tumnus, Gunnex, VolkovBot, SieBot, DGuy, Francisco Leandro, Bertoche, Lechatjaune, Yone Fernandes, Scriba, Flaviano Horozimbo Pires, Gustavo Siqueira, Fabsouza1, Rvnovaes, YonaBot, Teles, Vini 175, BotMultichill, AlleborgoBot, GOE, GOE2, Tetrakty, Jonybegood, Aedd, Gerakibot, PipepBot, HyperBroad, Chronus, Leandro Drudo, Burmeister, Auréola, Kim richard, Arthemius x, Heiligenfeld, LeoBot, Beria, Anogueir, RafaAzevedo, AltCtrlDel, Alexbot, RadiX, Ebalter, LiaC, SilvononBot, Pietro Roveri, Vitor Mazuco, Jbossco, Paule-ptwiki, Tuffani, ChristianH, Wonder brunosilva, Luckas-bot, LinkFA-Bot, Muro Bot, Nallimbot, Robsonbianca, Bielrugero, Millennium bug, Cadnero, Salebot, Minerva97, Jackiestud, Xqbot, GhalyBot, Gean, Rubinbot, Darwinius, SassoBot, Ana I. Figueiredo, Ewq, ThiagoRuiz, Mr Jonathan-ptwiki, Ts42, MauritsBot, MarcosLauro, CasteloBot, MastiBot, BirdEgo, TobeBot, Celso Ferenczi, AstaBOTH15, Braswiki, Marcos Elias de Oliveira

Júnior, HVL, Luiz Guilherme Estellita Lins, Professordom, TjBot, Ripchip Bot, Viniciusmc, Dbastro, Opraco, Capitão Pirata Bruxo, Janaína Castro, EmausBot, JackieBot, ZéroBot, Louansa, Érico, Renato de carvalho ferreira, Braswiki, Claudio senador, Salamat, Reporter, Dreispt, Vivianefer, Jbribeiro1, Willker10, Jordibuma, ChuispastonBot, Stuckkey, WikitanvirBot, Mteck22, Ricktails, CocuBot, Alvaro Azevedo Moura, São Silvestre, Eonzoikos, Colaborador Z, Ramiro Torres, MerlIwBot, Antero de Quintal, PauloEduardo, Rodrigolopes, Vagobot, Épico, AdvocatoBot, J. A. S. Ferreira, Max Changmin, Dianak, DARIO SEVERI, Shgür Datsügen, Zoldyick, Matheus Faria, Enoxon, Reikingreiking, Neukomm, Lucas Porceno, Dexbot, Leon saudanha, Hume42, Önni, Legobot, EVinente, Caçador de Palavras, Thiênio, Holdfz, Merck77, Marcos dias de oliveira, Rodrigo Leite Valentin, Rudha, Valentinamota13, Tiagohmg, Tiitanium, Ixocactus, Nakinn, O revolucionário aliado, Alan lcs madeira fontes, Gato Preto, Papa Christus, Planeta de Cor-Azul, Midjaim, Mark2333, Edmilson braz, Luciano bachmann, Rodrigo de Paiva Romanelli Figueiredo, Aspargos e Anônimo: 622

- **Aristóteles** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles?oldid=48374828> *Contribuidores:* JoaoMiranda, Jorge-ptwiki, Robbot, João Jerônimo-ptwiki, Manuel Anastácio, Webkid-ptwiki, LeonardoG, Muriel Gottrop, Mschindwein, Rui Silva, Mrcl, NH-ptwiki, Angeloleithold, E2mb0t, Juntas, Chico, LeonardoRob0t, Celso Candido, Pedrassani, Malafaya, Jic, Alexg, Ziguratt, Ikescs, Lusitana, Santana-freitas, Campani, Whooligan, Nuno Tavares, Get It, NTBot, RobotQuistnix, JP Watrin, Rei-artur, Leslie, Sturm, Clara C., Epineheiro, Tschulz, Tintazul, João Carvalho, Leinad-Z-ptwiki, Abmac, Leandrod, Agil, Giro720, 4you, Cláudio Aarão Rangel, OS2Warp, 555, Jpsousadias, Palica, Camponez, Adailton, Zwobot, Jorunn, Lijealso, Vmadeira, Fasouzafreitas, YurikBot, Cícero, Fernando S. Aldado, Gpvos, FlaBot, SallesNeto BR, MalafayaBot, Eduardoferreira, Arges, Marcelo Spalding, PatríciaR, MetalFenix-ptwiki, Jorge Morais, DIEGO RICARDO PEREIRA, Guinho br, Felipearaldi, LijeBot, Chicocvenancio, Ventania, Jo Lorib, Ugur Basak Bot-ptwiki, Joanabrasilia, Vigia, Nice poa, FSogumo, Marcelo Victor, Thijs!bot, Rei-bot, GRS73, R costa jr, Escarbot, Filomeninha, Robson camargo, Belandia, Wmarcosw, Castelobranco, Daimore, BOT-Superzerocool, JSSX, Rossicev, Fabiobarros, Ródi, JAnDbot, Alchimista, Celiaccm, Luiza Teles, Bisbis, Vsombra, Albmont, Barão de Itararé, Py4nf, Aescosta, Amadeo, Rjclaudio, Erickcoser, Idioma-bot, Der kenner, Carlos28, TXiKi-BoT, Tumnus, Gunnex, VolkovBot, Brunosl, SieBot, Francisco Leandro, Synthebot, Yone Fernandes, BOTtjo, Scriba, S3o3b3e3l, Teles, BotMultichill, Mário Henrique, Leandro Prudencio, Guilhermemorreno, Acdallago, Zdtrlik, Kaktus Kid, STBot-ptwiki, Leandro Drudo, DorganBot, Auréola, Kim richard, robot, Arthemius x, Amats, Heiligenfeld, LeoBot, Beria, DragonBot, Willgo, Renato Telesca, Alexandreparete, Dr.tavinho, RafaAzevedo, Carolynny-ptwiki, BOTarate, Alexbot, RadiX, Contadorwiki, Robson correa de camargo, Theus PR, Alvaro Rodrigues, LiaC, MELM, SilvononBot, Pietro Roveri, Vitor Mazuco, Petrukio1994, Walterateu, Maurício I, Louperibot, Alexander Gieg, Marcus Valerio XR, CarsracBot, ChristianH, Numbo3-bot, Luckas-bot, LinkFA-Bot, HerculeBot, Feliciomendes, Contagemwiki, Ptbogourou, Henrique liberato, Eamaral, Vanthorn, Salebot, Yonidebot, ArthurBot, Niva Neto, Solstag, DSisyphBot, Lourids, Lauro Chieza de Carvalho, ThiagoSebastiao, Matheus-sma, Coltsfan, SuperBraulio13, Xqbot, PViz, Gean, Rubinbot, Darwinius, RibotBOT, Jacques71, Ts42, Muriloofbrazil, Faustino.F, MarcosLauro, Piclles, FelipeArc, CasteloBot, Vicaroni, OnlyJonny, Rjbot, Braswiki, Stegop, Dinamik-bot, Marcos Elias de Oliveira Júnior, Coelhoomiq, KamikazeBot, HVL, TjBot, Alph Bot, Ripchip Bot, Viniciusmc, Dbastro, Capitão Pirata Bruxo, Mathonius, Defender, Aleph Bot, EmausBot, JackieBot, ZéroBot, HRoestBot, JorgePP, Érico, Renato de carvalho ferreira, Salamat, Hallel, Cósmico, Jbribeiro1, OCabra, Tiagolucast, Powerguidao, Leobraga7, ChuispastonBot, Stuckkey, WikitanvirBot, Frigotoni, CocuBot, Bruno Meireles, JardelW, Eonzoikos, FSAJ, Colaborador Z, MerlIwBot, L'editeur, Edisonqv, Adelsonline, Antero de Quintal, Ariel C.M.K., Marcus Lucas, Yusuf Merilandas, Rodrigolopes, Vagobot, Épico, J. A. S. Ferreira, Dianak, DARIO SEVERI, Shgür Datsügen, Zoldyick, Matheus Faria, HugoCarval, Enoxon, Dexbot, Tiburcio43, Leon saudanha, Hume42, Bruno A. Novais, Prima.philosophia, Önni, BNP, Legobot, ArgonSim, EVinente, Hist2, LaryReis93, Matheuscappareco, Holdfz, Dark-Y, JD Lucas, Merck77, Jordeñ, MCarsten, Athena in Wonderland, Bili de kide, Zé Mingal, Gregório de Lima, Nakinn, Stanglavine, O revolucionário aliado, Vítor, Wikimasterbz, ProjetoQuem, Mbassis, Abnilde, Doge321, Manassesintelectus, RodrigoAndradet, Fabiotheto, Tayzinhatop, Oisouoanônimo, Rui Mendes Gouveia, Vincutus, Renan1706, Felipe loyal, Papa Christus, Giselleeeeeeee, Aspargos e Anônimo: 754

5.8.2 Imagens

- **Ficheiro:Alexander_and_Aristotle.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3b/Alexander_and_Aristotle.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Derivative websource: <http://www.mlahanas.de/Greeks/Alexander.htm> *Artista original:* Charles Laplante
- **Ficheiro:Anaxagoras.png** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2f/Anaxagoras.png> *Licença:* Public domain *Contribuidores:*
- *Source:* [1] *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Aristote_Commentaria_in_Aristotelem_graeca.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/14/Aristote_Commentaria_in_Aristotelem_graeca.jpg *Licença:* CC BY-SA 4.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Codex
- **Ficheiro:Aristotle_Altemps_Detail.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/62/Aristotle_Altemps_Detail.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Jastrow (2006) *Artista original:* Copy of Lysippus
- **Ficheiro:Blackletter_G.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a2/Blackletter_G.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* Júlio Reis
- **Ficheiro:Chodowiecki_Socrates.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cb/Chodowiecki_Socrates.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Commons-logo.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Commons-logo.svg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* This version created by Pumbaa, using a proper partial circle and SVG geometry features. (Former versions used to be slightly warped.) *Artista original:* SVG version was created by User:Grunt and cleaned up by 3247, based on the earlier PNG version, created by Reidab.
- **Ficheiro:Crystal_Clear_app_Login_Manager.png** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/ca/Crystal_Clear_app_Login_Manager.png *Licença:* LGPL *Contribuidores:* All Crystal Clear icons were posted by the author as LGPL on kde-look; *Artista original:* Everaldo Coelho and YellowIcon;
- **Ficheiro:David_-_The_Death_of_Socrates.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8c/David_-_The_Death_of_Socrates.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/436105> *Artista original:* Jacques-Louis David
- **Ficheiro:Diagrama_4_elementos.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/32/Diagrama_4_elementos.svg *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Dianack

- **Ficheiro:Disambig_grey.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Disambig_grey.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Bub's
- **Ficheiro:Flag_of_Greece.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5c/Flag_of_Greece.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* own code *Artista original:* (of code) cs:User:-xfi- (talk)
- **Ficheiro:Francesco_Hayez_001.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cd/Francesco_Hayez_001.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* The Yorck Project: *10.000 Meisterwerke der Malerei*. DVD-ROM, 2002. ISBN 3936122202. Distributed by DIRECTMEDIA Publishing GmbH. *Artista original:* Francesco Hayez
- **Ficheiro:Greuter_Socrates.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/59/Greuter_Socrates.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Herkulaneischer_Meister_002.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/Herkulaneischer_Meister_002.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* The Yorck Project: *10.000 Meisterwerke der Malerei*. DVD-ROM, 2002. ISBN 3936122202. Distributed by DIRECTMEDIA Publishing GmbH. *Artista original:* Herkulaneischer Meister
- **Ficheiro:History_hourglass.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bd/History_hourglass.svg *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:*
 - *History.svg* *Artista original:* *History.svg*: ~DarKobra at Deviantart
- **Ficheiro:Magnifying_glass_01.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/Magnifying_glass_01.svg *Licença:* CC0 *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Meta-moerbeke_jpeg031-part.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a0/Meta-moerbeke_jpeg031-part.jpg *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Peter Damian
- **Ficheiro:Nuvola_apps_edu_mathematics-p.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c2/Nuvola_apps_edu_mathematics-p.svg *Licença:* GPL *Contribuidores:* Derivative of Image:Nuvola apps edu mathematics.png created by self *Artista original:* David Vignoni (original icon); Flamurai (SVG conversion)
- **Ficheiro:Nuvola_apps_edu_miscellaneous.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6a/Nuvola_apps_edu_miscellaneous.svg *Licença:* LGPL *Contribuidores:* [1], via Image:Nuvola apps edu miscellaneous.png *Artista original:* David Vignoni, traced User:Stannered
- **Ficheiro:POxy3679_Parts_Plato_Republic.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3d/P._Oxy._LII_3679.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.papyrology.ox.ac.uk/POxy/> *Artista original:* Platon
- **Ficheiro:Parthenon_from_west.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ad/Parthenon_from_west.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* User:Mountain
- **Ficheiro:Plato'{}s_Academy_mosaic_from_Pompeii.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/48/Plato%27s_Academy_mosaic_from_Pompeii.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.departments.bucknell.edu/History/Carnegie/plato/academy.html> *Artista original:* Desconhecido
- **Ficheiro:Plato-raphael.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Plato-raphael.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Desconhecido *Artista original:* Rafael Sanzio
- **Ficheiro:Plato_Silanion_Musei_Capitolini_MC1377.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/88/Plato_Silanion_Musei_Capitolini_MC1377.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Marie-Lan Nguyen
- **Ficheiro:Sanzio_01_Plato_Aristotle.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/98/Sanzio_01_Plato_Aristotle.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Web Gallery of Art: Image Info about artwork *Artista original:* Rafael Sanzio
- **Ficheiro:Sanzio_01_cropped.png** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d1/Sanzio_01_cropped.png *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Raffaello Sanzio *Artista original:* Rafael Sanzio
- **Ficheiro:Searchtool.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/61/Searchtool.svg> *Licença:* LGPL *Contribuidores:* <http://ftp.gnome.org/pub/GNOME/sources/gnome-themes-extras/0.9/gnome-themes-extras-0.9.0.tar.gz> *Artista original:* David Vignoni, Ysangkok
- **Ficheiro:SeptemArtes-Philosophia-Detail.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1c/SeptemArtes-Philosophia-Detail.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* from "Hortus deliciarum" of Herrad von Landsberg - date: about 1180 *Artista original:* User:Markus Mueller
- **Ficheiro:Socrates'{}_Cell.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e6/Socrates%27_Cell.jpg *Licença:* CC BY 2.0 *Contribuidores:* originally posted to **Flickr** as Socrates' Cell *Artista original:* Sharon Mollerus
- **Ficheiro:Socrates_Louvre.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a4/Socrates_Louvre.jpg *Licença:* CC BY-SA 2.5 *Contribuidores:* Eric Gaba (User:Sting), July 2005. *Artista original:* Copy of Lysippos (?)
- **Ficheiro:Socrates_and_Plato.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/90/Socrates_and_Plato.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?

- **Ficheiro:Socrates_and_Xanthippe.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b7/Socrates_and_Xanthippe.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Xanthippe versant de l'eau sur la tête de Socrate - Gravure d'Otto Van Veen, Anvers 1607 *Artista original:* Otto van Veen
- **Ficheiro:Spangenberg_-_Schule_des_Aristoteles.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/75/Spangenberg_-_Schule_des_Aristoteles.jpg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Text_document_with_red_question_mark.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a4/Text_document_with_red_question_mark.svg *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Created by bdesham with Inkscape; based upon Text-x-generic.svg from the Tango project. *Artista original:* Benjamin D. Esham (bdesham)
- **Ficheiro:The_Academy_of_Athens.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6c/The_Academy_of_Athens.jpg *Licença:* CC BY 2.0 *Contribuidores:* Flickr *Artista original:* Sébastien Bertrand de Paris, France
- **Ficheiro:UWASocrates_gobeirne.jpg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/84/UWASocrates_gobeirne.jpg *Licença:* CC BY 2.5 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Photograph by Greg O'Beirne
- **Ficheiro:Vatsoc.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/68/Vatsoc.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Wilson Delgado
- **Ficheiro:Vote.svg** *Fonte:* https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/01/A_coloured_voting_box.svg *Licença:* CC-BY-SA-3.0 *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Resizia
- **Ficheiro:Wikiquote-logo.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fa/Wikiquote-logo.svg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Rei-artur
- **Ficheiro:Wikisource-logo.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4c/Wikisource-logo.svg> *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Rei-artur *Artista original:* Nicholas Moreau

5.8.3 Licença

- Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0